



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**UMA HISTÓRIA INTELECTUAL DAS IDEIAS EDUCACIONAIS EM BELL
HOOKS**

WILLIAM DE JESUS SANTOS

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

UMA HISTÓRIA INTELLECTUAL DAS IDEIAS EDUCACIONAIS EM BELL HOOKS

WILLIAM DE JESUS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. (Dr.) Evander Ruthieri Saturno da Silva

Foz do Iguaçu
2024

WILLIAM DE JESUS SANTOS

UMA HISTÓRIA INTELECTUAL DAS IDEIAS EDUCACIONAIS EM BELL HOOKS:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva
UNILA

Prof. Dr^a. Angela Maria de Souza
UNILA

Prof.Dr^a. Juliana Pirola da Conceição
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus pela vida e aos Orixás por cuidarem tanto desse orí durante esse ciclo universitário.

Não teria como começar os agradecimentos por outra pessoa que não seja a best dos meus amigos, minha mãe, também conhecida como dona Ana, sou grato por todo apoio moral, financeiro e emocional para que esse momento fosse possível, por vezes falar que eu era capaz e sempre me potencializar. Sou muito feliz e grato por tudo que tens feito por mim!

Não poderia deixar de agradecer a Nai - Inaiara - , que me apresentou a Unila. Vou ser sempre grato por aquela blusinha da Unila, aquele meio verão em Boipeba-ba e pelo nosso encontro. Como diz a nossa querida Rachel Reis: “Esse encontro nosso é sorte grande”, obrigado por tudo!

Ainda falando sobre encontros e felicidades, sou extremamente grato a Sabrina Souza, por acreditar nos meus planos e ver que algo seria possível vindo para o Sul do país, e cá estamos nós, concluindo essa etapa, é chegada a hora da despedida das contas compartilhadas. Mas sou grato por acreditar que no fim daria certo.

A Natália Menezes e Helen Nonato, obrigado por essa permanência a longa distância. agradeço pelos acolhimentos, incentivos e correções, vocês fazem parte desse meu processo.

A vocês: Elen Gomes, Poliana Luz, Renata Bomfim, Éli Kely Cruz, Railane Santos, Rayssa Freitas, a “tia” - Rosângela, Thifane Rosa e Matheus Ventura, amigos de longas datas, sou grato por permanecerem mesmo com esses km’s de distância, muito obrigado!

Aos amigos e colegas feitos ao longo desse tempo na Unila, obrigado!

Vocês realmente são a família que eu poderia escolher!

A professora Angela Maria, meu agradecimento por aceitar o convite. Saiba que por mais que eu não tenha tido uma aula contigo, sempre foi uma referência. Na verdade, foi uma das maiores referências que tive antes de começar a conhecer o corpo docente da Unila. E sempre foi bom e de grande aprendizado ouvir o que você tinha a falar. Era uma aula que podia assistir, uma aula inaugural do ILAACH, uma roda de conversa sobre as temáticas de suas pesquisas, sou muito feliz em ter tido acesso ao seu conhecimento mesmo que pouco. Obrigado por se encontrar neste momento tão singular para mim!

Ao meu orientador, Evander, obrigado por tornar esse fardo mais leve. Agradeço pela paciência e por me ensinar tanto ao longo desse tempo na construção desse tcc. Foi outra referência que tive antes de conhecer como professor. “O professor de África, é barril véi! As aulas são boas, gosto muito do modo que ele ensina”, lembro de te abordar no bebedouro e todo acanhado pedi para ser meu orientador, e sair radiante, pelo “sim” ter vindo tão rápido. Sou muito grato por todo esse tempo de orientação.

A professora Juliana Pirola, sempre acreditei que esse momento teria sua presença! Lembro do meu primeiro semestre, em meio a pandemia e seu acolhimento foi importante naquele momento. Por vários momentos durante as leituras e escritas desse trabalho, percebi e senti sua abordagem educacional humanizada e aproximada da vida do estudante. Você foi essencial no meu processo formativo. E mesmo após a pandemia, suas aulas me ensinaram para além do conhecimento acadêmico. Você contribuiu muito além do futuro professor de História que estou me tornando. Você nutriu a sensibilidade, a humanização e esperança que por vezes perdemos aqui dentro da academia. Muito obrigado por tudo!

Agradeço a Unila, por me apresentar pessoas, técnicos e docentes principalmente os da Licenciatura em História, tão incríveis!

Obrigado!

*Crianças negras numa jornada para amar a si
[mesma,
se esses poemas encontrarem você num dia
[muito triste,
por favor, sinta-se à vontade para comê-los
[por inteiro.*

(Antes de mais nada, eles são seus.)

Upile Chisala

RESUMO

Este trabalho tem como foco reunir algumas ideias, principalmente as educacionais que bell hooks desenvolveu em suas obras ao longo da sua trajetória, nos debruçamos a pesquisar essas ideias em seu livro: *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade* (2013), apresentando debates travados por ela, e os diálogos com outros intelectuais. Para além desse tema, percorremos outros temas que hooks fez suas contribuições como: movimento negro, feminismo negro e questões de classe social. Dialogamos as obras de hooks com: Carla Akotirene (2023) e suas perspectivas no que tange a Interseccionalidade, Claudia Wasserman (2015) a respeito da História Intelectual e Patricia Hill Collins (2019) com a Autoidentificação. Essas três esferas foram fundamentais para a execução dessa pesquisa. Entre outras obras usadas, *Tudo sobre o amor* (2021) foi inserida como um segundo plano. Procuramos neste trabalho articular alguns dos movimentos intelectuais realizados por bell hooks ao longo da sua trajetória acadêmica e intelectual.

Palavras-chave: bell hooks; Educação; Interseccionalidade; Intelectualidade.

RESUMEN

Este trabajo tem como foco reunir algunas ideas, principalmente como educacionais que bell hooks desarrollado em sus obras ao longo da sua trajetória, nos debruçamos a pesquisar essas ideias em seu livro: *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade* (2013), presentando debates travados por ela, e os diálogos com outros intelectuais. Además de este tema, analizaremos otros temas en los que Hooks hizo sus contribuciones, como: el movimiento negro, el feminismo negro y las cuestiones de clase social. Dialogamos as obras de hooks com: Carla Akotirene (2023) e sus perspectivas no que tange a Interseccionalidade, Claudia Wasserman (2015) a respeito da História Intelectual y Patricia Hill Collins (2019) com a Autoidentificação. Son tres esferas fundamentales para su ejecución. Entre otras obras utilizadas, se insertó como fondo *Todo sobre el amor* (2021). Procuramos neste trabajo articular alguns dos movimientos intelectuales realizados por bell hooks ao longo da sua trayectoria académica e intelectual.

Palabras clave: bell hooks; Educación; Interseccionalidad; Intelectualidad.

ABSTRACT

This work focuses on bringing together some ideas, mainly educational ones that bell hooks developed in his works throughout his career, we focused on researching these ideas in his book: "Teaching to Transgredir - Education as a Practice of Freedom" (2013), presenting debates held by her, and dialogues with other intellectuals. In addition to this theme, we covered other topics that hooks contributed to, such as: black movement, black feminism and issues of social class. We discuss hooks' works with: Carla Akotirene (2023) and her perspectives regarding Intersectionality, Claudia Wasserman (2015) regarding Intellectual History and Patricia Hill Collins (2019) with Self-Identification. These three spheres were fundamental for carrying out this research. Among other works used, All About Love (2021) was inserted as a background. In this work, we seek to articulate some of the intellectual movements carried out by bell hooks throughout his academic and intellectual trajectory.

Key words: bell hooks; Education; Intersectionality; Intellectuality.

1 INTRODUÇÃO - PRINCÍPIA¹

Esse artigo, para além de um trabalho de conclusão de curso, para obter o título de licenciado em História, pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), parte de um lugar de ausência no que concerne ao ensino que potencialize os estudantes negros. A obra que torna-se basilar e possibilita a elaboração desse trabalho foi cunhado pela teórica feminista estadunidense bell hooks (1952-2021), e culminou no livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*², o qual conheci o primeiro capítulo na disciplina de FAL III - Fundamentos da América Latina - na UNILA. Todavia, a leitura fez acalento de uma forma tão única, que me vi com a sede de estender a leitura e aprender mais sobre essa transgressão por meio da educação. hooks com os seus debates, torna possível irmos até um ponto de acesso que nos leva a reflexão, no que pulsa em relação às vivências educacionais sendo estudante da rede pública por tanto tempo.

É crucial destacar que a rede pública de ensino no Brasil, até os anos do ensino médio, muitas vezes é desvalorizada - talvez, com exceção dos Institutos Federais (IFs), que já adotam abordagens que frequentemente só são encontradas no ensino superior, como Ensino, Pesquisa e Extensão. Além disso, é importante reconhecer que o ensino público muitas vezes segue um padrão e um perfil demográfico específico: estudantes negros e de baixa renda. A partir dessa perspectiva pessoal e da análise do panorama educacional do Brasil, ao recuperarmos e acessarmos nossas memórias dos espaços educacionais, percebemos que muitos de nós somos produtos do sistema de ensino público.

Assim, a partir dessas inquietações, compreendemos como objetivo principal desse trabalho a análise das ideias educacionais de bell hooks, especialmente em seus ensaios publicados em *Ensinando a transgredir*. O movimento de fundamentação que faremos nesse trabalho será traçado em um diálogo com a História Intelectual como base metodológica, para assim compreender a função social da intelectualidade estabelecida por bell hooks ao longo de sua trajetória. Vale comentar desde já, que esse papel social de hooks como intelectual, é o que torna possível encontros dentro da intelectualidade e o fomento de intelectuais negras.

¹ Música de Emeicida feat. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/1wTuMYmA3AJC7zKg6cuu19?si=R0yX8TShQgGSvSFwBvi3GQ>>

A escolha dessa música para introduzir o trabalho, parte como uma forma sucinta de perceber o atravessamento do movimento negro em minha vivência, sendo um jovem negro do interior da Bahia. Perceber as relações com a vida de um prisma ancestral, possibilitou que fosse possível nomear essa ausência e trabalhar o que faz falta para nós.

² HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

Desse modo, a fonte principal dessa pesquisa se trata dos supramencionados ensaios no livro *Ensinando a transgredir*³. Além disso, como fontes secundárias, mobilizaremos outros escritos de hooks, em especial a perspectiva afetiva que ela aborda em seu livro *Tudo sobre o amor*⁴. Essas obras fazem parte do acervo pessoal do pesquisador.

Traremos, em primeiro plano, elementos para contextualizar a trajetória de bell hooks e, assim, abordar suas ideias interseccionais e seu perfil intelectual. Ela será o centro dessa discussão, pois é dentro de uma das suas obras que baseamos esse trabalho. *Ensinando a transgredir* torna-se central na análise devido à sua abrangência temática, em especial ao discutir questões pertinentes à educação, raça, feminismo e feminismo negro. A partir desses temas abordados, pretende-se compreender a incorporação das perspectivas interseccionais na obra de hooks, especialmente ao articular classe, raça e gênero na sua interpretação crítica da sociedade contemporânea. Logo percebemos sob qual perspectiva o livro foi elaborado, e é interessante observar que os estudantes negros são colocados em evidência em hooks. É lamentavelmente comum que os estudantes negros sejam marginalizados, subalternizados e negligenciados no sistema educacional. No entanto, autoras como bell hooks, com a amplitude de seus trabalhos, nos inspiram a reconhecer o potencial de enriquecimento do conhecimento desde a infância, especialmente no que diz respeito à intelectualidade.

Desse modo, convém demarcar que o recorte espacial definido pela pesquisa relaciona-se com um contexto político estadunidense da segunda metade do século XX, período marcado pelo desmantelamento das leis segregacionistas, pela força do movimento dos direitos civis e, principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, pelo crescimento do feminismo negro. É preciso pontuar que no início da trajetória de bell hooks, o EUA era perpassado pelas chamadas “Leis Jim Crow”, ou seja, havia então uma separação entre negros e brancos. As frentes negras se movimentaram pelos direitos civis no território, fazendo frente às opressões vigentes.

Na segunda parte do trabalho, abordaremos a respeito de suas produções ligadas ao feminismo, intelectuais negras e suas contribuições intelectuais no movimento, nesse momento iremos trazer autores para discutir sobre interseccionalidade e autodefinição para tecermos comunicações com as frentes que se direcionam, perceber quais atravessamentos são encontrados nos estudos de hooks.

³ HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

⁴ HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

Por fim, na terceira parte do trabalho, adentramos a esfera educacional com os diálogos estabelecidos com Paulo Freire, levantando as ideias e práticas vivenciadas por hooks ao longo de sua vivência educacional. Nesse último movimento do trabalho, pretende-se enfatizar as perspectivas intelectuais de bell hooks acerca da educação como prática de liberdade, capaz de promover o pensamento crítico e construir sujeitos capazes de agir pela transformação da sociedade. Desse modo, também possibilita pensar na educação como prática política, e como uma forma de resistência e luta contra injustiças, desigualdades sociais e violências estruturais.

2. BELL HOOKS E SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL - UM CORPO NO MUNDO⁵



(Photo by Karjean Levine/Getty Images)⁶

Gloria Jean Watkins, que faleceu aos 69 anos, é considerada como uma das grandes intelectuais negras, sobretudo pelas suas contribuições ao pensamento feminista negro, pela sua perspectiva interseccional e por sua trajetória fortemente vinculada às lutas antirracistas nos Estados Unidos. É muito estranho pensar que, há tão pouco tempo, tínhamos entre nós, essa intelectual que tanto contribuiu - e, graças à sua extensão produção intelectual, ainda contribui - para fortalecer as reflexões políticas acerca de questões como as intersecções entre raça, classe social e gênero, e sobretudo pelas relações entre racismo e capitalismo na perpetuação de estruturas de exclusão, violência, opressão e dominação na sociedade ocidental.

Antes mesmo de começar as pesquisas e ler mais sobre ela, há quase três anos, quando comecei a conhecer sua trajetória intelectual, pensava que se tratava de alguém distante, ou que já tinha falecido. No entanto, ao perfazer o trabalho de associar livros e escritos a nomes e rostos, foi que soube que era uma intelectual ainda viva. Contudo, em 15 de dezembro de 2021, as redes sociais começaram a anunciar o falecimento de Watkins, mais conhecida como “bell hooks”.

⁵ Música de Luedji Luna. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5uSnNITp4UvRePHXo9vGV7?si=4c32764784834278> >

⁶ NEW YORK - DECEMBER 16: Author and cultural critic bell hooks poses for a portrait on December 16, 1996 in New York City, New York.

Sua morte foi noticiada por distintos jornais nacionais e internacionais, como: G1⁷, Estadão⁸, O globo⁹, CNN Brasil,¹⁰ CNN¹¹, *The Guardian*¹², *The Wall Street Journal*¹³, *The New York Times*¹⁴ e *Los Angeles Times*¹⁵. Os veículos de informações citados anteriormente, anunciaram a perda da grande mulher, ativista, escritora e feminista negra. Escritora essa que nos traz várias obras que impactam diretamente na vivência negra, na educação e no feminismo.

A Folha de São Paulo, no dia do falecimento, lançou várias notas sobre sua partida. Para ser mais exato, foram seis notas divulgadas, falando da sua partida e também das suas obras. Além de contextualizar a origem do nome “bell hooks”, a Folha de São Paulo relembrou que “escrita muitas vezes em primeira pessoa, a obra de hooks aborda as conexões entre raça, gênero e classe a partir de diversos campos, como cinema, música e política” e que se tratava de “uma das maiores intelectuais do feminismo negro”. O *Cable News Network* - em português - Rede de Notícias a Cabo, mais conhecida como *CNN*, soltou a nota sobre o falecimento da hooks, e escreveu que a “americana era conhecida como uma das principais teóricas do feminismo, racismo e gênero da atualidade”, destacando seu papel como “poeta, autora, feminista, professora, crítica cultural e ativista social”, e que “ao longo de sua carreira,

⁷ **bell hooks, escritora e ativista, morre aos 69 anos.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/12/15/bell-hooks-escritora-e-ativista-morre-aos-69-anos.ghtml>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

⁸ **Escritora bell hooks morre aos 69 anos.** Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/escritora-bell-hooks-morre-aos-69-anos/> Acessado em: 27 de Agosto de 2023.

⁹ **Morre bell hooks, escritora e um dos maiores nomes do feminismo negro, aos 69 anos.** O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-bell-hooks-escritora-um-dos-maiores-nomes-do-feminismo-negro-aos-69-anos-25320331>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

¹⁰ **Escritora Bell Hooks morre aos 69 anos nos Estados Unidos.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/escritora-bell-hooks-morre-aos-69-anos-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

¹¹ **bell hooks, famed feminist writer, dies at age 69.** CNN, 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/12/15/us/bell-hooks-death-obituary-cec/index.html>. Acesso em 27 de Agosto de 2023.

¹² **bell hooks obituary** - Trailblazing writer, activist and cultural theorist who made a pivotal contribution to Black feminist thought. *The Guardian*, 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/dec/17/bell-hooks-obituary>. Acesso em 27 de Agosto de 2023.

¹³ **Black Feminist bell hooks Dies at 69** - Scholar wrote about intersection of feminism, politics, race, gender and culture. *The Wall Street Journal*, 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/black-feminist-bell-hooks-dies-at-69-1163959937>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

¹⁴ **bell hooks, Pathbreaking Black Feminist, Dies at 69** - She insisted that the fight for women’s rights had to take into account the diverse experiences of working-class and Black women. *The New York Times*, 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/15/books/bell-hooks-dead.html>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

¹⁵ **bell hooks, author who brought Black women’s perspectives to feminism, dies at 69.** *Los Angeles Times*, 2021. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/books/story/2021-12-15/bell-hooks-dead-obit>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

os estudos de hooks culminaram em mais de 40 livros sobre raça, feminismo e educação, além de relações sociais e culturais”.

O G1, por sua vez, postou várias notícias relatando a sua partida, por meio de notas que, em sua maioria falavam do seu ativismo feminista e racial, e por ser autora de mais de quarenta livros. Djamila Ribeiro, filósofa e escritora, e uma grande referência de intelectual, ativista feminista e ativista racial no Brasil, concedeu uma entrevista ao Globonews, sobre a passagem da bell hooks. Para Djamila Ribeiro, bell hooks é uma intelectual que tanto impactou sua vida, sobretudo no que diz respeito às suas reflexões sobre o lugar social das mulheres negras. Além disso, relembrou a importância de bell hooks nas discussões acerca da visão universal do que é ser mulher, dentro do feminismo, e relatou o seu trabalho importante na vinculação de classe, raça e gênero pensando em questões sociais, principalmente no que tange às opressões vividas entre essas intersecções. Houve várias outras manchetes do G1 que estampavam o rosto da bell hooks, lamentando seu falecimento, e o que chama atenção na entrevista de Djamila participa no J10, é a participação da apresentadora Aline Midlej que parte de uma projeção negra, e consegue abordar sobre a nota do falecimento com propriedade na forma de conhecer a trajetória de bell hooks, e a presença dos trabalhos dela. É nessas análises que é possível perceber o quanto a hooks impactou vidas.

À leitora ou ao leitor, pode parecer incomum apresentar a trajetória de uma intelectual a partir de seus obituários e necrológicos; contudo, os obituários, tais como aqueles noticiados na imprensa nacional e internacional pela ocasião da morte de bell hooks, “têm sido estudados nos campos literário, jornalístico e sociológico por meio de análises que apontam questões relacionadas a marcadores sociais de diferenças de gênero, classe, etnia e idade”¹⁶, pois possibilitam, na condição de documentos escritos, refletir sobre seu caráter biográfico e, por extensão, em seu papel para a construção de memórias coletivas acerca da intelectual em questão. Além disso, obituários são “acionados pela morte e que, enquanto gênero, se aproximam da biografia a ponto de dificilmente negarem seus referenciais clássicos, se justificam como o direito de antepassados ou grupos resistirem ao olvido, afirmarem suas identidades e reconhecerem um legado”¹⁷. Expressam, de um ponto de vista biográfico, uma intenção de atribuir sentido (e, por vezes linearidade) à uma vida; mas

¹⁶ HAYASHI, Maria Cristina. Obituários acadêmicos: análise de homenagens póstumas da ciência em periódicos científicos. **Revista Ciência da Informação**, v.50 n.2, 2021, p. 71.

¹⁷ SILVA, Wilton Carlos Lima. Após a visita da indesejada das gentes: luto e memória na Revista Estudos Feministas. **cadernos pagu**, v. 55, 2019, p. 6.

possibilitam, também, uma certa “identidade pública do falecido”¹⁸, para reafirmar sua obra ou seu legado.

Ainda que, em documentos oficiais, essa intelectual fosse referenciada como “Gloria Jean Watkins”, iremos nos referir a ela nesse trabalho como a própria decidiu ser referida em seus trabalhos e nesse mundo acadêmico e intelectual: bell hooks. Segundo Cecília Smith¹⁹, a origem desse pseudônimo faz parte de uma homenagem ancestral, por ser uma derivação de um nome familiar, da bisavó materna Bell Blair Hooks. Desse modo, a intelectual retoma laços de ancestralidade e matrilinearidade, ao mesmo tempo em que marca uma forma de autorrepresentação e de (re)definição de sua identidade por meio da escolha do nome próprio. A grafia para o seu nome, em letras minúsculas, tem uma justificativa, que respalda-se no entender que seus feitos, suas escritas, narrativas e sua escrevivência²⁰ fossem o primeiro plano do seu legado e não o seu nome.

The use of lower-case lettering was deliberate and significant.(...) she assigned a lessened degree of relevance to the name itself, proffering a focus on the power of her words and the intensity of her message. However, the small letters accomplished the exact opposite. They became the beacon that drove scholars and laymen to her voice. bell hooks offered a vision for academia that has male-dominated representation and narratives at its core(Smith, 2022, p. 205-206).²¹

Quando Smith²² traz a reflexão acerca do pseudônimo da bell hooks, também promove uma observação das múltiplas camadas de sentido relacionadas ao uso do pseudônimo. Para além da interpretação abordada anteriormente sobre ser uma homenagem a uma mulher da sua família, a escolha da hooks traz uma potencialidade para a forma com a qual ela vai sendo conhecida e vai sendo lida.

The lower-case lettering was effective, but not as a deflection away from her. In fact, the lettering would draw in readers to her. The lower-case lettering would be a temporary disguise from Gloria Jean Watkins, but her voice, her words, and her ideas would identify and distinguish the woman to whom the world would come to know as the feminist, bell hooks(Smith, 2022, p. 209-210).²³

¹⁸ SANTANA, Fabíola. **A retórica fúnebre**: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. Tese (Doutorado em Linguística), UFPE, Recife, 2011, p. 195.

¹⁹ SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*: Vol. 15, Article 11. Disponível em: <<https://scholarworks.lib.csusb.edu/history-in-the-making/vol15/iss1/11>>

²⁰ “Ao se inscrever em sua própria escritura, apresentando o como marca, como signo de uma dada cultura. O escritor afro-brasileiro produz uma literatura que se revela como uma escritura do corpo”. Termo originado por Conceição Evaristo(1996), numa concepção do corpo incorporada no trabalho da escrita. É a projeção de si em escritos próprios.

²¹ Tradução Livre: “O uso de letras minúsculas foi deliberado e significativo.(...) ela atribuiu um menor grau de relevância ao próprio nome, focando no poder de suas palavras e na intensidade de sua mensagem. No entanto, as letras minúsculas realizaram exatamente o oposto. Eles se tornaram o farol que levou estudiosos e leigos à sua voz. bell hooks ofereceu uma visão para a academia que tem representação e narrativas dominadas pelos homens em seu núcleo.”

²² SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*.

²³ Tradução Livre: “As letras minúsculas foram eficazes, mas não como um desvio dela. Na verdade, as letras atrairiam leitores para ela. As letras minúsculas seriam um disfarce temporário de Gloria Jean Watkins, mas sua

Essa interpretação de tentar deixar suas obras em evidência, ao invés do seu nome, e é possível compreendermos essa escola em diálogo com a Patricia Hill Collins²⁴, quando ela disserta sobre “o poder da autodefinição”: conceito que permite compreender a questão da intelectualidade das mulheres negras estadunidenses.

Para as mulheres negras estadunidenses, o conhecimento construído do “eu” emerge da luta para substituir as imagens de controle pelo conhecimento autodefinido, considerado pessoalmente importante, um conhecimento muitas vezes essencial para a sobrevivência das mulheres negras (Collins, 2019, p. 203).

As influências mútuas, entre intelectuais negras de uma mesma geração, e também as influências intergeracionais remetem a uma esfera ancestral, se pensarmos na tradição dessas narrativas orais socializadas, de modo que “(...)filhas negras identificam a profunda influência que as mães tiveram em suas vidas”²⁵. A partilha da caminhada dessas mulheres, como pontua Collins, pode ser percebida na narrativa de outra importante intelectual afro-estadunidense, Evelyn Hammonds: “acho que na maioria das vezes você tem de passar pela experiência para entender. Sempre que estou com outras mulheres negras eu rio. Acho que nosso humor vem do reconhecimento compartilhado de quem nós somos no mundo”²⁶. Assim, Collins relembra que:

As intelectuais negras estadunidenses há tempos exploram esse espaço privado, oculto, da consciência feminina negra, os pensamentos “íntimos” que permitem às mulheres negras suportar e, em muitos casos, transcender os limites das opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade (2019, p. 202).

Collins²⁷, enriquecendo bastante seus escritos com uma diversidade de narrativas produzidas por intelectuais feministas negras nos Estados Unidos, que nos deixa em foco de forma bem objetiva sua intenção com seus escritos, ela deixa bem nítido com as narrativas postas. Como por exemplo, quando recupera um relato da romancista afro-estadunidense Marita Golden: depois do seminário em Chicago, uma participante negra mais velha sussurrou para mim: “Querida, estou muito orgulhosa de você. Mesmo que algumas pessoas não queiram ver você lá na frente [da sala de aula], lá é o seu lugar. Volte para a escola e faça seu doutorado. Então eles não vão poder dizer nada contra você!”²⁸.

“Ser capaz de usar a extensão plena da própria voz, tentar expressar a totalidade do ‘eu’, é uma luta recorrente na tradição das escritoras [negras]”, afirma a crítica literária feminista negra Barbara Christian. As afro-americanas certamente expressaram nossas vozes individuais. Em geral as mulheres negras estadunidenses

voz, suas palavras e suas ideias identificariam e distinguiriam a mulher que o mundo viria a conhecer como feminista, bell hooks.”

²⁴ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

²⁵ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 207.

²⁶ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 209.

²⁷ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

²⁸ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 209.

têm sido descritas como francas e incisivas ao se expressar, uma consequência da expectativa de que tanto homens como mulheres participem da sociedade civil negra. Apesar dessa tradição, a questão da busca de uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras continua sendo central no pensamento feminista negro (Collins, 2019, p. 203-204).

Nascida em Kentucky, estado dos EUA, hooks veio ao mundo em 25 de setembro de 1952. Sendo a filha mais nova da família que residia na zona rural do estado. É nesse espaço que, de modo retrospectivo, que vai trabalhar sua noção de espaço e pertencimento. Conforme Smith²⁹, no memorial que produziu para tratar de bell hooks pela ocasião de seu falecimento, “During her young, formative years, segregation in her rural city and schools would have an effect on hooks’ ultimate philosophical beliefs, but perhaps it fortified in her a measure of freedom that might have inhibited others’ growth”³⁰. Nesse ponto, Smith alude a um contexto político e social que afetava milhares de famílias como a de bell hooks: a segregação racial que, até meados da década de 1960, era vigente em diversas partes dos Estados Unidos, especialmente nos estados sulistas.

Como se sabe, o contexto pós-abolição nos Estados Unidos, a partir da década de 1860 e com o fim da guerra civil estadunidense (1861-1865), foi marcado pela eclosão de formas de marginalização e segregação da população afro-estadunidense. Na região do Sul, em especial, as formas de segregação podem ser vislumbradas, por exemplo, pelas chamadas Leis Jim Crow, que tinham caráter local e estadual, que visavam inviabilizar direitos políticos, sociais e educacionais para a população negra. Além disso, a ação de grupos supremacistas brancos, como a Ku Klux Klan, fundada no estado do Tennessee na segunda metade da década de 1860, e a prática de linchamentos são exemplos do escalonamento da violência racial em diversas partes dos Estados Unidos. Convém demarcar que a intelectualidade negra nos Estados Unidos, desde a segunda metade do século XIX, mobilizava-se para denunciar a violência do segregacionismo, enfrentando a pobreza e a discriminação, e lutando pela “integração cultural e social dos libertos no mundo que se construía no final do século XIX e início do XX”³¹. Intelectuais como Edmonia Lewis, Harriet Powers, Sojourner Truth, Harriet Tubman, W. E. Du Bois e Anna Julia Cooper frequentemente mobilizaram debates interseccionais para debater o abolicionismo e, mais tarde, o problema da segregação e os limites da democracia nos Estados Unidos.

²⁹ SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*. p. 206

³⁰ Tradução Livre: “Durante os seus jovens anos de formação, a segregação na sua cidade rural e nas escolas teria um efeito nas crenças filosóficas fundamentais dos hooks, mas talvez tenha fortalecido nela um medida de liberdade que pode ter inibido o crescimento de outros.”

³¹ ABREU, Martha. O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição. *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69, 2015, p.184.

No Kentucky, estado onde a família de bell hooks residia, diversas leis segregacionistas haviam sido aprovadas desde a década de 1860, incluindo proibições para crianças negras frequentarem escolas para brancos. Leis semelhantes foram reforçadas ao longo das décadas de 1920 e 1940. Em 1952, no ano em que nasceu, o governo estadual aprovava outra lei que proibia uniões matrimoniais entre pessoas brancas e não-brancas, sob pena de US\$1000 ou até cinco anos de prisão³². Contudo, o Kentucky também foi espaço de consolidação de ações coletivas voltadas à reivindicação dos direitos civis, especialmente a partir da década de 1940, e voltado principalmente à integração nas escolas. Outras ações promovidas entre as décadas de 1940 e 1960, no Kentucky, envolviam protestos contra a segregação em escolas e bibliotecas, e boicotes contra estabelecimentos comerciais que mantinham medidas segregacionistas. Além disso, “Black workers’ organizations pressured companies to hire or promote African American employees. Communities recruited help from civil rights leaders to bring attention to particular problems”³³.

Desse modo, bell hooks enfatiza o corpo de professores na escola Booker T. Washington, composto por mulheres negras, que começou a fomentar o intelecto das crianças negras que faziam parte do corpo de alunato na instituição. É nessa região que começa a construção e fortalecimento das ideias educacionais e militantes de bell hooks, em um contexto marcado pela permanência de leis segregacionistas, mas também por ações coletivas voltadas à defesa dos direitos das comunidades afro-estadunidenses, incluindo iniciativas educacionais. Assim, hooks destaca o papel político das mulheres negras, dentro e fora das escolas, na construção de suas experiências políticas e na defesa de suas comunidades, retomando uma das características principais dos movimentos de mulheres negras nos Estados Unidos: sua capacidade de articulação coletiva, sobretudo pela criação de “um poderoso movimento de associações e numerosas organizações comunitárias”³⁴, principalmente voltadas à alfabetização e educação formal.

As ideias e ações das mulheres negras nos Estados Unidos exigem que se repense o conceito de hegemonia, a ideia de que a objetificação das mulheres negras como o Outro é tão absoluta que nos tornamos participantes voluntárias de nossa própria opressão. A maioria das afro-americanas simplesmente não se define como *mammies*, matriarca, mães dependentes do Estado, mulas ou mulheres sexualmente depreciadas. A matriz de dominação na qual essas imagens de controle estão

³² MAP OF JIM CROW AMERICA. Florida Atlantic University. Disponível em: <<https://www.fau.edu/artsandletters/pjhr/chhre/pdf/sjc-map-jim-crow-america.pdf>> Acesso em 15 de set. de 2023.

³³ Tradução: “As organizações de trabalhadores negros pressionavam empresas para promover ou contratar empregados afro-americanos. Comunidades recrutavam ajuda de lideranças dos movimentos pelos direitos civis para chamar a atenção a problemas específicos”. FOSL, Caterine; K’MEYER, Tracy. *Freedom on the Border: An Oral History of the Civil Rights Movement in Kentucky*. Lexington: University of Kentucky Press, 2009, p. 153.

³⁴ COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 75.

inseridas é muito menos coesa ou uniforme do que se imagina(Collins, 2019, p. 202-203).

A potencialidade das mulheres negras, conforme Collins³⁵, evidencia as problemáticas desses espaços ocupados por mulheres no contexto social e racial dos EUA ao longo do século XX, principalmente pela forma que elas estavam inseridas na sociedade estadunidense e os agenciamentos dessas mulheres na sociedade. Ao enfatizar a projeção e extensão das mulheres afro-estadunidenses, destaca uma perspectiva de como isso acontece no entendimento delas, sobretudo pela potência política da autodefinição. Como a autora pontua, ao referenciar a intelectual e feminista Barbara Christian: “Ser capaz de usar a extensão plena da própria voz, tentar expressar a totalidade do “eu”, é uma luta recorrente na tradição das escritoras [negras]”³⁶.

As vivências das mulheres afro-estadunidenses, em suma, se somam e só elas conseguem se encontrar em entender suas realidades. A realidade delas parecem ser composta por estruturas vivenciadas apenas por elas, e ninguém para além desse recorte parece interpretar as jornadas. Nesse sentido, importante pontuar quando Collins, outra vez, menciona Christian: “A dificuldade de viver duas vidas, uma para “eles e uma para nós mesmos”³⁷. Tudo isso parte de uma leitura do racismo e sexismo, alicerçados e basilares da sociedade. Essas questões se debatiam, e se ouvia muito nos espaços seguros, que seriam espaços onde essas mulheres conseguiam ouvir as histórias de outras e se encontrar nessas vivências, e começavam a notar paridades em suas narrativas.

Embora a dominação seja inevitável como fato social, é improvável que seja hegemônica como ideologia dentro dos espaços sociais nos quais as mulheres negras falam livremente. essa esfera de discurso relativamente seguro, embora restrita, é uma condição necessária para a resistência das mulheres negras(Collins, 2019, p. 205).

Esses espaços seguros, por mais que fossem definidos em igrejas e organizações comunitárias afro-americanas, tangenciam redes maiores. Eram locais nos quais se tornava possível discursar de forma segura, principalmente por serem parte de um grupo vivenciando as mesmas opressões sociais, ainda que de formas distintas. Além de lugar de “desabafo”, era uma esfera de resistência, principalmente pensando no processo de tratamento dessas mulheres como “o Outro”.

Nunca existiu uma cultura de resistência uniforme e homogênea entre as negras estadunidenses - nunca existiu e continua não existindo. Pode-se dizer, no entanto, que os afro-americanos compartilham uma mesma agenda política e cultural,

³⁵ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

³⁶ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 203.

³⁷ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 204.

vivenciada e expressa de formas diferentes por eles como coletividade heterogênea(Collins, 2019, p. 207).

Eram nesses espaços que o empoderamento feminino negro era evidenciado, por meio da autodefinição. Esses lugares constituíam-se em espaços de resistência frente às ideologias dominantes, e tornavam-se espaços estruturantes da experiência política do próprio movimento afro-americano. Portanto, associações que tiveram participação ampla de mulheres negras, como as igrejas ou as escolas, precisam ser evidenciadas como campos de lutas, resistência e fortalecimento de mulheres negras. Essas instituições comunitárias, foram espaços de força e luta principalmente quando começaram os processos de segregação racial, quando essas mulheres não tinha acesso a outros meios de organização política³⁸.

As escolas, a mídia impressa e de radiodifusão, as agências governamentais e outras instituições de comunicação reproduzem as imagens de controle da condição de mulher negra. Em resposta, as afro-americanas tradicionalmente utilizam as redes familiares e as instituições da comunidade negra como espaços para combater essas imagens(Collins, 2019, p. 206).

Na obra *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*, bell hooks pontua que o compromisso dessas professoras negras era nutrir “nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usassem a “cabeça”. Esse alimentar o intelecto negro, era feito apenas na escola, espaço caracterizado por hooks como fundamental na construção de sua subjetividade e como lugar de “autodefinição”³⁹ por meio do exercício intelectual. Dessa forma, hooks, em seu livro anteriormente citado, pontua “a escola era o lugar do êxtase - do prazer e do perigo”⁴⁰.

Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo. Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias(hooks,2013. p. 11).

Quando criança, frequentou a escola Booker T. Washington, que tanto fomentou o seu interesse pelo aprender, e também incentivou o desenvolvimento do seu intelecto. Uma escola segregada - para negros - com o intuito de que houvesse essa barreira entre as crianças brancas e as de cor. Um espaço que desde muito cedo, por meio das professoras, já mostrava aos estudantes o que seriam as resistências, atos revolucionários e atos contra-hegemônicos.

As potencialidades eram fomentadas muito cedo nas crianças. Com hooks não foi diferente, e desde então, ela se imaginava professora, lecionando para alimentar esse

³⁸ COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 205-206.

³⁹ COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

⁴⁰ HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 11.

ciclo alimentar a alma dos estudantes na comunidade. Todavia, ao longo de sua trajetória, também almejou ser uma escritora, e compreendia que ser uma escritora e professora eram caminhos distintos, e que cada um teria um norte em sua vida. É válido pontuar, que, quando citamos anteriormente sobre a escolha de lecionar, por ser algo mais próximo do que ela sonhava dentro daquela realidade, hooks⁴¹, afirma que as meninas tinham três caminhos para pensar em seus futuros: casar; tornar-se empregada doméstica; ou lecionar. Desse modo, podemos deduzir que a escolha pelo lecionar, partia da ideia de que talvez houvesse essa liberdade do trabalho lhe dando a possibilidade de concomitantemente ser uma escritora, tendo em vista que as outras frentes não lhe cabiam.

Mas o sonho de me tornar escritora sempre esteve presente dentro de mim. Desde a infância, eu acreditava que iria lecionar e escrever. O escrever seria o trabalho sério e o lecionar, o “emprego” não tão sério de que eu precisava para ganhar a vida. O escrever, conforme pensava então, era uma questão de anseio particular e glória pessoal, enquanto o lecionar era o serviço, uma forma de retribuir à comunidade(hooks, 2013, p. 10).

hooks ingressou na graduação no curso de língua inglesa na Universidade Stanford, na Califórnia, com um imaginário aflorado sobre as possibilidades de se tornar uma intelectual subversiva. Espantou-se quando percebeu a falta de euforia em seus professores ao ensinar, a falta de uma possível compreensão da relação da educação e a prática da liberdade. Esse modelo de aula seguiu também durante sua pós-graduação, tornando-se para ela um grande dilema, pois já tinha aceitado que sua profissão seria lecionar, mas a realidade do ensinar a assustava. Pois, seria nesse mecanismo que possivelmente o entusiasmo pelo ensino fosse perdido, tornando as salas de aulas em prisões⁴².

Ela também foi professora efetiva no Departamento de Língua Inglesa do Oberlin College, e cita como foi um momento de êxtase, mas o receio de permanecer no ciclo acadêmico, a fazia temer se seria esse seu fim. “O sonho não era uma reação ao medo de eu não conseguir a estabilidade no cargo. Era uma reação à realidade de que eu ia conseguir a estabilidade. Eu tinha medo de ficar presa na academia para sempre”, afirmou hooks em seu livro⁴³.

Convém frisar que o período retratado por bell hooks em seus escritos autobiográficos foi caracterizado pelo desmantelamento do sistema segregacionista nas escolas, especialmente após 1954, quando a Suprema Corte nos Estados Unidos declarou a

⁴¹ HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

⁴² HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

⁴³ HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

inconstitucionalidade das escolas separadas para brancos e negros. A decisão teve importante impacto nacional, e tornou-se um marco significativo na articulação do movimento negro pelo direito à educação. Contudo, o processo de dessegregação racial suscitou violentas reações por parte de grupos conservadores, especialmente nos estados do Sul, e que se opunham à integração racial. Além disso, foi apenas em 1964, com a aprovação da Lei dos Direitos Civis pelo congresso estadunidense, que se “proibiu a discriminação com base na raça, cor, credo, sexo ou nacionalidade de origem em programas assistidos financeiramente pelo governo federal”⁴⁴. Nesse contexto, bell hooks enfatiza que a integração racial na escola de brancos fez com que mudanças gritantes fossem evidenciadas, sobretudo no sentido atribuído à educação. Se anteriormente a escola era vista como um espaço de florescimento de ideias, é nessa ruptura que evidencia os processos da estruturação racial.

De repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar. Já não tinha ligação com a luta antirracista.(...) A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como uma ameaça à autoridade branca.(...) De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para crianças negras, a educação já não tinha mais a ver com a prática da liberdade(hooks, 2013, p. 12).

De acordo com Cecelia Smith⁴⁵, o período de infância e adolescência de bell hooks no interior do Kentucky teve um impacto formativo nas suas crenças filosóficas e políticas, relacionando, especialmente nos seus escritos autobiográficos, com episódios de liberdade e rebeldia. Na continuidade de seu processo educacional, hooks ingressou em escolas que passaram pelo processo de integração racial, posteriormente finalizando o ensino básico na Hopkinsville High School. Mais tarde, recebeu uma bolsa para estudar na Stanford University, onde dividia seus estudos com o trabalho como telefonista: em sua autobiografia, *Bone Black*, hooks atribui às suas companheiras na companhia de telefone, outras mulheres negras, o encorajamento para continuar sua trajetória educacional. Posteriormente, graduou-se em Literatura Inglesa em 1973, realizou um Mestrado em Literatura Inglesa pela Universidade de Wisconsin-Madison em 1976, e doutorou-se em Literatura Inglesa em 1983 pela Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, com uma tese sobre as obras de Toni Morrison (1931-2019), importante autora negra e feminista nos Estados Unidos.

É quantitativo salientar que no período em que bell hooks realizou seus estudos universitários coincide com um momento político marcado pela efervescência dos movimentos feministas dentro e fora do mundo acadêmico; contudo, muitas intelectuais

⁴⁴ MOEHLECKE, Sabrina. Democratização e integração racial: a experiência de ações afirmativas nos Estados Unidos. Anais Eletrônicos da ANPED, 2004. Disponível em <<https://www.anped.org.br/sites/default/files/t0314.pdf>> Acesso em: 04 nov. 2023.

⁴⁵ SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*.

negras identificaram uma certa marginalização das mulheres negras nos debates feministas do período, e até mesmo uma desconfiança do movimento de mulheres pela ausência de reflexões interseccionais. Foi no âmbito desses debates que bell hooks publicou *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*, em 1981, que resultou de aproximadamente dez anos de reflexões acerca das relações entre mulheres negras e o movimento feminista. Importante destacar que o título da obra, “Ain't I a Woman?” é uma referência ao discurso de Sojourner Truth, uma abolicionista negra do século XIX, apresentado na Convenção dos Direitos das Mulheres em 1851, na qual defendia a extensão de direitos políticos e o reconhecimento da humanidade de mulheres negras. Assim, recuperando o discurso de Sojourner Truth, bell hooks, em *Ain't I a Woman?*, parte de uma reflexão crítica acerca do silenciamento imposto às mulheres negras pelas forças do racismo e do patriarcalismo, para retomar a ação das mulheres negras no século XIX, e que, assim como Sojourner Truth, “participated in both the struggle for racial equality and the women's rights movement”, e no momento em que questionadas sobre a relação entre a luta das mulheres e a luta contra a opressão racial, “they argued that any improvement in the social status of black women would benefit all black people”⁴⁶.

⁴⁶ HOOKS, bell. *Ain't I a woman? Black Women and Feminism*. Londres: Pluto Press, 1990, p. 2.

3 INTERSECCIONALIDADE, FEMINISMO E INTELLECTUAIS NEGRAS: FERRAMENTAS CONCEITUAIS PARA COMPREENDER BELL HOOKS

Como se pode ver, os escritos de bell hooks ancoram-se em uma perspectiva interseccional, para pensar e problematizar os sistemas de opressão marcados por elementos de classe, gênero, sexualidade e raça na sociedade ocidental. Convém, portanto, demarcar a própria historicidade do conceito de interseccionalidade, o qual foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980, para tratar do entrecruzamento de forças de opressão e relações de poder que produzem grupos marginalizados. Contudo, vale lembrar que, muito tempo antes da criação do conceito de interseccionalidade, diversos intelectuais afro-estadunidenses, a exemplo de W. E. B. Du Bois, já chamavam a atenção para o impacto da sobreposição de elementos de classe, raça e nação sobre a população negra nos Estados Unidos, em especial por meio do seu conceito de “dupla consciência”⁴⁷. Desse modo, pelo menos desde o final da década de 1980, o conceito de interseccionalidade tornou-se uma chave no perfil das intelectuais negras, fornecendo uma chave de leitura e política para problematizar os sistemas de opressão.

Nesse ponto, ao tratarmos sobre a trajetória intelectual de bell hooks, podemos, também, adensar as discussões acerca do próprio conceito de “intelectual”. A gênese moderna do conceito de “intelectual”, como um indivíduo politicamente engajado, está relacionada ao “caso Dreyfus”, que envolveu um episódio de antissemitismo e que mobilizou um manifesto, o Manifesto dos Intelectuais, publicado no jornal *L’Aurore*, em 14 de janeiro de 1898. Esse manifesto foi assinado por professores, artistas, escritores e entre outras profissões que atualmente caracterizamos como intelectuais, que expressaram sua aversão às falsas acusações contra o oficial judeu, Alfred Dreyfus, injustamente preso e condenado por traição. Com a movimentação desses profissionais e a sociedade francesa, percebeu-se um desentendimento entre progressistas que estavam contra e a favor do oficial. Dessa forma, a sociedade francesa começa a usar o termo para destacar pessoas que dialogam e assumiram pautas de assuntos públicos⁴⁸.

Interessante é que a partir do episódio francês, a palavra intelectual foi utilizada não apenas para designar a condição profissional do sujeito ou ao fato de ele dedicar-se a atividades não manuais, mas, sobretudo, passou a referir-se a alguém que, dedicado a atividades assim consideradas, assume uma posição política ou ideológica e intervém nos assuntos públicos (Wasserman, 2015, p. 68).

⁴⁷ DU BOIS, W. E. B. **As Almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

⁴⁸ WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELLECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2015, p. 637.

Em sua pesquisa acerca de “História Intelectual: Origem e Abordagens”, Claudia Wasserman⁴⁹ caracteriza os intelectuais com uma perspectiva de atores sociais, ela configura as práticas trocas de saberes deles como reflexivas. Assim, é notório que hooks com a influência dela, torna a compreensão dessa articulação intelectual mais nítida: ela foi uma professora, carregando um legado de suas práticas e reflexões, dentro da educação também conhecida como práxis. Importante pontuar que hooks tem mais de quarenta obras publicadas. Quando ponderamos sobre essa lógica do: “... alguém que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas...”⁵⁰, amplifica nosso horizonte do que tange entender que esse “fazer” se torna produção, produto, é nessa forma que acontece esse movimento de potencializar e expandir reflexões pertinentes do intelectual, é saber que em lugares onde sua voz não chega, sua produção alcançará.

O termo “intelligentsia” foi usado pela primeira na Polônia pelo filósofo e escritor Karol Libelt, no livro “On Love of the Fatherland”, de 1844. O termo referia-se ao compromisso moral e patriótico de acadêmicos, professores, religiosos, engenheiros etc. A palavra foi amplamente difundida na cultura russa na época da modernização empreendida por Nicolau II, quando o jornalista Pyotr Boborykin utilizou pela primeira vez na imprensa. Segundo sua versão, o termo era originário da cultura alemã, onde era usado para designar a parte da sociedade que se dedicava à atividade intelectual. Ele acrescentou um significado especial ao termo: a definição de intelectuais como representantes da “alta cultura”, acepção que se generalizou na Europa ocidental(Wasserman, 2015, p. 67).

É interessante perceber como os intelectuais compartilham das suas ideias e práticas em diálogo com a sociedade, já que “(...)as funções do intelectual nas sociedades contemporâneas”⁵¹ envolvem essas devolutivas intelectuais, que estão intrinsecamente ligadas à difusão do conhecimento, principalmente para tornar pautas mais acessíveis e levar o público a refletir sobre a realidade social. Desse modo, “esses atores sociais usaram suas habilidades de discutir, argumentar, projetar o futuro a serviço de combates políticos, o que demonstra a relevância dos intelectuais nas sociedades, como detentores do poder ideológico”⁵². Essa noção de “intelectual”, como um sujeito engajado em combates políticos, e também em estabelecer diálogos com o mundo social, se aproxima às nossas reflexões sobre a trajetória de bell hooks. Essas reflexões se aproximam das discussões de bell hooks no texto “Intelectuais Negras”, na qual afirma que o trabalho intelectual está vinculado a uma “política do cotidiano”, que possibilitasse “entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e

⁴⁹ WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**. 2015.

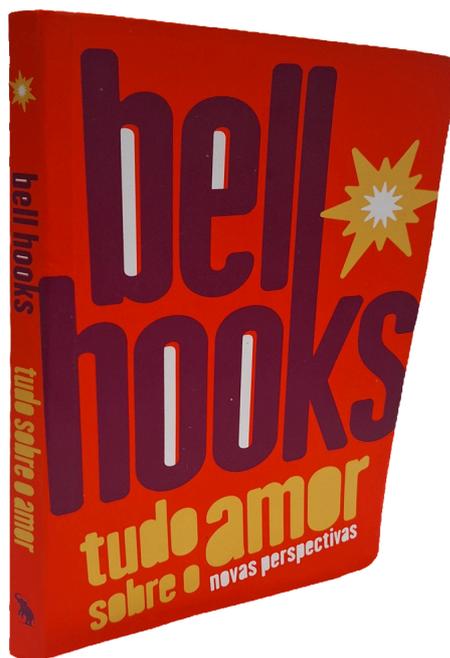
⁵⁰ WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2015, p. 64.

⁵¹ WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**. 2015.

⁵² WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2015, p. 64.

compreender o concreto". Assim, na sua perspectiva, "a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade"⁵³. No que se refere, especificamente, às intelectuais negras "trabalhando em faculdades e universidades", hooks ainda afirma que enfrentam "um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita"⁵⁴. Além disso, ao mapear a trajetória e perfil intelectual de bell hooks, outros conceitos tornam-se importantes, dentre os quais, amor e afetividade enquanto potências políticas.

É lindo quando nos afeiçoamos a um(a) escritor(a), que traz suas escrevivências e permitem que possamos ver por um prisma diferente, como se fosse um estudo de caso, onde é possível perceber as questões, se sentir atravessado por elas, mas observar e ver como é conduzida a situação. “Quantas vezes você foi amado?”⁵⁵ A afetividade negra, é uma das questões que assolam o movimento negro e dessa forma é muito frequente a solidão negra. Justificamos essa carência afetiva com questões estruturais de padrões, da hipersexualização e outros pontos que atravessam a vivência negra. É nítido que corpos racializados sofrem influências diretas do sistema branco que atormenta a tanto tempo os corpos negros. É apropriado colocarmos a importância social de uma intelectual tão cirúrgica no que sempre se propôs a abordar.



Acervo pessoal

⁵³ HOOKS, bell. Intelectuais Negras. 1995, p.466.

⁵⁴ HOOKS, bell. Intelectuais Negras. 1995, p.467

⁵⁵ Música “Sinto Tanta Raiva...” Baco Exu do Blues. disponível em: <https://open.spotify.com/track/6SB7iDdA9F7NrQSZGQFdf2?si=kv5pCmoKSIOO40eG0NvOzQ>

Em “*Tudo sobre o amor: novas perspectivas*”⁵⁶, um dos pontos iniciais, que ecoa em outros momentos da obra, refere-se à afetividade familiar, sendo ela, o primeiro contato humano com a afetividade. hooks expressa em seus escritos sobre o movimento de desamor dentro do seu primeiro lar, e destaca as trocas que estabelecemos com as outras famílias que construímos após esse afeto parental perceber que não somos o que projetaram. Dentro do que entendemos sobre descolonizar e desconstruir, essa literatura é indispensável para romper com o romantismo que é posto acerca da devoção afetiva para com a família.

Olhando para trás, descobri que todos os anos da minha vida em que eu pensava estar em busca do amor foram simplesmente tentativas de recuperar o que havia perdido, voltar ao primeiro lar, regressar ao arrebatamento do primeiro amor. Eu não estava realmente pronta para amar e ser amada no presente. Ainda estava de luto - apegada ao coração partido da meninice, a conexões desfeitas. Quando o luto acabou, fui capaz de amar novamente (hooks, 2021, p. 26).

A nossa autora vai falar sobre a reflexão de assimilar rostos a trabalhos, ainda que não utilize de forma explícita esse termo, mas certifica sobre a importância de saber quem escreve o que lemos. Logo, destaca a forma expressiva da dominação masculina posta sobre mulheres e crianças fazendo com que exista um obstáculo para o afeto. hooks então reitera: “ao revisar bibliografia sobre o amor, percebi que poucos escritores, sejam homens ou mulheres, falam do impacto do patriarcado, da forma como a dominação masculina sobre mulheres e crianças é uma barreira para o amor”⁵⁷. A forma como homens falam sobre esses afetos que chegam a eles, é sempre partindo de um ponto de abundância, todavia, mulheres que falam desses afetos, partem dos lugares de falta.

Em nossa cultura, o lar da família nuclear é uma esfera institucionalizada de poder que pode ser facilmente autocrática e fascista. Como governantes absolutos, os pais geralmente podem decidir sem qualquer intervenção o que é melhor para os filhos. Se os direitos das crianças são sustados em qualquer ambiente doméstico, elas não têm recursos legais. Em contraste com as mulheres, que podem se organizar e protestar contra a dominação machista, exigindo direitos iguais e justiça, as crianças só podem contar com adultos bem-intencionados que eventualmente as ajudem caso sejam exploradas e oprimidas em casa (hooks, 2021, p. 62).

O patamar do trabalho traçado pela escritora é de reflexão muito profunda, quando se dedica a escrever esse livro sobre esses afetos, principalmente familiar - parental. É nítido que até a forma como nos relacionamos familiarmente é atravessado por uma estrutura social. Perceber que ainda hoje as relações familiares são estabelecidas da mesma

⁵⁶ HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

⁵⁷ HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021, p. 38.

forma, mesmo em um contexto de décadas depois, nos deixa a repensar a respeito dessas relações.

Sou grata por ter sido criada em uma família que era cuidadosa, e acredito fortemente que, se meus pais tivessem sido bem amados pelos pais deles, eles teriam dado amor aos filhos. Eles deram aquilo que receberam: cuidado. Ressalto que o cuidado é uma dimensão do amor, mas somente cuidar não significa que estamos amando (hooks, 2021, p. 50).

bell hooks pontua que esse processo de tornar-se uma intelectual nascia na sua infância, por sentir que seu desenvolvimento de ideias e suas vivências fora da escola eram distintas, sendo um caminho muito marcado pelo sofrimento. Assim, tornar-se uma intelectual seria parte de um processo de cura de sua criança interior. É importante sinalizar que, conforme relembra bell hooks, crianças negras não tinham esse incentivo para suas vidas intelectuais, na verdade eram castigadas, podemos imaginar o sentido disso. Crianças que questionavam as estruturas, e que não se deram por “vencidas” com respostas rasas, principalmente por alimentarem esse mundo de ideias, mesmo nas escolas segregadas⁵⁸.

No artigo “Intelectuais negras”⁵⁹, hooks afirma:

No meu caso voltei-me para o trabalho intelectual na busca desesperada de uma posição oposicional que me ajudasse a sobreviver a uma infância dolorosa. Criada numa comunidade segregada sulista pobre e operária onde a educação era valorizada sobretudo como um meio de mobilidade de classe a vida intelectual sempre esteve ligada a carreira do ensino. Tratava-se mais do serviço externo como professor ajudando a elevar a raça no qual os professores podiam conquistar aceitação individual dentro da comunidade negra do que de uma vida interior intelectual e personalizada (p.465).

Anteriormente, foi citado sobre intelectuais negros, mas vale salientar que hooks, era uma feminista negra e assinalava os debates com questões do sexismo e o machismo de homens negros sob as mulheres. hooks relata realizar atividades com alunas na busca de averriguar o contato de suas estudantes com intelectuais negras mas percebe uma presença quase predominante de referenciais compostos por homens negros. Assim, afirma que um dos seus desafios em sala era trazer escritoras negras para esses debates, e apresentar as ideias de intelectuais negras às suas discentes. Para ela, esse apagamento e invisibilidade desses intelectuais se baseia no racismo, sexismo e exploração de classe, que se fundem nas institucionalização. E em decorrência disto, mulheres negras não encaram os trabalhos intelectuais como vocação.

⁵⁸ HOOKS, bell. *Intelectuais Negras*. 1995.

⁵⁹ HOOKS, bell. *Intelectuais Negras*. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, p.464-478.

O diálogo que Wasserman⁶⁰ estabelece com Bobbio⁶¹, é instigante para atentar-nos como compreender de forma mais direta como perceber um intelectual. Como ocorre esse curso de produção, principalmente analisando e refletindo que em qualquer área profissional existem intelectuais.

“Começamos com a definição de Bobbio (1997): intelectual é “... alguém que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas...”. É correto afirmar que os intelectuais têm na atitude reflexiva a parte preponderante de suas atividades.(...) Porém, também, ao contrário da definição de Bobbio, “fazem coisas”, tais como livros, jornais, textos dos mais variados gêneros, podendo igualmente fazer filmes, teatro, música(Wasserman, 2015, p 64).

hooks, quando dialoga com suas estudantes negras, nesse movimento de perceber quais as camadas sociais acabam sendo invisibilizadas, questiona e reflete sobre como as questões racistas, machistas e patriarcais se encontram enraizadas e invisibilizam o trabalho intelectual das mulheres negras. Observando o cenário, é preciso refazer o percurso para perceber que quando dizemos que a bell hooks é uma intelectual, assimilamos que estamos falando de uma mulher negra, logo, a cinesia de nomear assim, é atravessado por uma barreira de entender que questões de minorias, em algum momento foram repensadas como questões precisas para a sociedade, tendo em vista que hooks abordou muito sobre classe, raça, gênero e entre outras questões sociais. Afinal de contas, o trabalho intelectual, na perspectiva de bell hooks, não envolve apenas lidar com ideias - mas sim lidar com ideias que possam transgredir "fronteiras discursivas"⁶².

Simone de Beauvoir, em “O segundo sexo”⁶³, afirmou: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”⁶⁴, implica em pensarmos as trajetórias intelectuais como um processo de (auto)formação.No perfil intelectual construído por bell hooks ao longo de sua trajetória, também é pertinente pensarmos como ocorre esse processo do tornar-se feminista.

In the late 1960s through the early 1970s, at a time when feminism and the women’s liberation movement gripped the nation, hooks’ perspective would be one that provided a Black woman’s voice and a new way of thinking. It was while she endeavored to complete her first book of poetry that she decided to take on the pseudonym of bell hooks, thus beginning a journey that propelled her into the annals of Black literary and theoretical feminist history(Smith, 2022, p. 209).⁶⁵

⁶⁰ WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**. 2015.

⁶¹ WASSERMAN, 2015, p 64. apud BOBBIO 1997.

⁶² HOOKS, bell. *Intelectuais Negras*. 1995.

⁶³ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida: infância**. volume 2/ Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

⁶⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, volume 2/ Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 11.

⁶⁵ Tradução Livre: “Do final da década de 1960 até o início da década de 1970, numa época em que o feminismo e o movimento de libertação das mulheres dominavam a nação, a perspectiva de Hooks seria aquela que proporcionaria a voz de uma mulher negra e uma nova forma de pensar. Foi enquanto tentava terminar seu

A aproximação com o feminismo afro-estadunidense, na trajetória de bell hooks, aproxima-se ao que Djamila Ribeiro⁶⁶ define como *locus social*, compreendendo-o como “o ponto [no qual] as pessoas partem para pensar e existir no mundo com as suas experiências em comum.” Esse processo interpretativo - especialmente no que tange a compreensão do termo “interseccionalidade” - começa quando as mulheres brancas não compreendem as diferentes vivências, recortes e fronteiras entre elas e as mulheres racializadas. É necessário explicitar portanto, as contribuições da Carla Akotirene⁶⁷, cuja reflexão baseia-se na interseccionalidade de raça, classe e gênero, temáticas que se cruzam e desembocam dentro do nosso sistema social:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível. insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas(Akotirene, 2023, p. 48).

Em “Interseccionalidade” da Carla Akotirene⁶⁸, baseia-se nas contribuições da intelectual afro-brasileira Lélia Gonzalez, e também abordando ideias sinalizadas por Angela Davis em 1981,⁶⁹ em seu trabalho *Mulheres, raça e classe*. Nessa obra, as reflexões de Angela Davis se baseiam no contexto histórico das relações de gênero, classe social e raça nos Estados Unidos, a partir da qual lança questões pertinentes sobre o movimento anti-escravista e os direitos das mulheres, e escancarando as hierarquias de raça e gênero construídas contexto. Angela Davis é uma filósofa, e sobretudo a teórica que contribui para solidificar o estudo das intersecções. Além disso, teceu questões cirúrgicas para pensarmos o feminismo em uma perspectiva interseccional.

Isso porque, conforme as reflexões críticas de Angela Davis, as relações de poder na sociedade contemporânea estão constituídas a partir de três pilares norteadores: Classe, raça e gênero, os quais são socialmente construídos e se fortalecem no processo de segregação. Assim, Angela Davis, é uma peça chave na construção de analisar as vivências partindo dessas reflexões, pois os segmentos anteriormente citados, dialoga e fortifica as formas de opressões que mulheres negras vivenciam.

primeiro livro de poesia que decidiu assumir o pseudônimo de bell hooks, iniciando assim uma jornada que a impulsionou para os anais da história feminista literária e teórica negra.”

⁶⁶ RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

⁶⁷ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2023. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

⁶⁸ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2023.

⁶⁹ A versão aqui usada é a Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013.

Em sua obra que fala sobre essas intersecções, Davis aborda como acontecia esse processo de luta e movimento anti-abolicionista, e muito nos instiga refletir sobre essas questões, pois o processo escravocrata ainda se vê as consequências disto até hoje.

O movimento anti-escravatura ofereceu às mulheres de classe média a oportunidade de provarem o seu valor de acordo com o modelo que não as prendia aos seus papéis de esposas e mães. Neste sentido, a campanha abolicionista foi uma casa onde podiam ser valorizadas pelo seu trabalho concreto. De fato, o seu envolvimento político na batalha contra a escravatura foi intenso, apaixonante e total porque elas experienciaram uma alternativa excitante à sua vida doméstica. E resistiam a uma opressão que tinha uma certa semelhança com a sua própria opressão. Para além disso, aprenderam a desafiar a supremacia masculina dentro do movimento anti-escravatura. Descobriram que o sexismo que permanecia inalterado dentro dos seus casamentos, podia ser questionado e combatido na arena da luta política. Sim, as mulheres brancas podiam ser chamadas a defender ferozmente os seus direitos como mulheres na luta pela emancipação do povo negro (Davis, 2013, p. 36).

É importante pontuar que as condições das mulheres negras naquele cenário eram exaustivas, pois lendo o trabalho da Davis fica aparente o modo como, em diversos contextos, mulheres negras eram invisibilizadas, e não eram vistas como agentes do movimento negro. Quando se fala em movimento negro, normalmente vai um direcionamento no homem negro. O apagamento das mulheres negras é evidente, mesmo dentro de um movimento tão plural que é o movimento negro.

Mais do que outras mulheres na campanha contra a escravatura, as irmãs Grimke chamaram a urgência da inclusão constante da questão dos direitos das mulheres. Ao mesmo tempo que argumentavam que as mulheres nunca alcançariam a sua liberdade independentemente do povo negro. “Eu quero ser identificada com o negro” disse Angelina numa convenção de mulheres patrióticas que apoiou a Guerra Civil em 1863. “enquanto ele não tiver os seus direitos, nós nunca teremos os nosso/s”. Prudence Crandall arriscou a sua vida na defesa do direito à educação das crianças negras. Se a sua posição continha uma promessa de uma frutuosa e poderosa aliança, pondo o povo negro e as mulheres juntos procurando realizar o seu sonho comum de liberdade, então, a análise de Sarah e Angelina Grimke foi a mais profunda e mais teórica expressão dessa promessa de unidade (Davis, 2013, p. 39).

Akotirene⁷⁰, por sua vez, desenvolve suas ideias a partir do entrecruzamento de gênero, classe e raça, para assim promover uma leitura crítica da estrutura social. A autora aborda de forma bem enfática que as estruturas racistas afetam também os homens negros, pois “considera que os homens negros sofreram consequências de raça-sexo, mergulhadas de estereótipos, linchamentos e classificação racial de sê-los abusadores sexuais de mulheres brancas”⁷¹, todavia, a ênfase dessa obra nos leva para a reflexão acerca das mulheres negras e as opressões de classe, raça e gênero. Além disso, Akotirene promove uma discussão sobre a presença de uma ideia de “mulher” universal dentro do movimento feminista, e projetada para a sociedade que traz um padrão, e dentro desse molde não cabe as mulheres racializadas.

⁷⁰ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2023.

⁷¹ Akotirene, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 34.

Além disso, ao abordar o conceito de interseccionalidade, Akotirene promove uma discussão sobre os processos de exclusão social, violência e marginalização que recaem fortemente sobre mulheres negras na sociedade contemporânea. Desse modo, compreende-se que:

A interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos.(...) o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidade e ausência de seguridade social para mulheres negras (Akotirene, 2023, p. 63).

Essas reflexões, acerca da interseccionalidade e dos feminismos negros, se conectam ao perfil intelectual construído por bell hooks ao longo de sua trajetória. Segundo Smith⁷², o foco de hooks ia além de debater ou levantar pautas dentro do próprio movimento feminista negro; bell hooks preocupava-se com questões estruturais que afetavam toda a sociedade negra. A afirmativa de hooks, que destaca a forma de desumanização que as mulheres negras são abordadas na sociedade, incluindo os impactos do patriarcalismo, enfatiza a necessidade de um posicionamento dos homens negros no que tange as suas próprias masculinidades. Assim, ela questionava o papel deles no que repercute as vivências e lutas das mulheres negras.

Partindo das ponderações feitas por Cecilia Smith⁷³, a grande problemática da solidão da mulher negra, frente à hostilidade social, dava-se por meio do patriarcado, partindo muito daquela premissa que as mulheres racializadas se encontram na base da sociedade, e, sendo assim, as frustrações dos homens negros recaem sobre elas.

The situation of race in America right now is like war. ...and the men are going to Washington. That to me is a real gendered dialogue that conventional masculinity, which denies a history of race relations where the engagement of Black women in the resistance struggle has been so meaningful and so crucial...Patriarchy has been deadly for the planet and for Black men(Intellect⁷⁴,1995. apud Smith, 2022, p. 213).

⁷⁵

Nesse ponto, um exemplo do perfil intelectual de bell hooks pode ser vislumbrado nas discussões referentes às estéticas afro-estadunidenses, e em especial na música. Patricia Hill Collins⁷⁶, em diálogo teórico e político com o pensamento de Angela Davis, afirma, de forma extremamente cirúrgica, que a classe dominante não consegue perceber a música como um agente social presente em vivências negras. No contexto em que

⁷² SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*.

⁷³ SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*.

⁷⁴ “Bell Hooks interview (1995),” *Manufacturing Intellect*.

⁷⁵ Tradução Livre: “A situação racial na América agora é como uma guerra. ...e os homens vão para Washington. Isso para mim é um verdadeiro diálogo de gênero que a masculinidade convencional, que nega uma história de relações raciais onde o envolvimento das mulheres negras na luta de resistência tem sido tão significativo e tão crucial... O patriarcado tem sido mortal para o planeta e para os homens negros.”

⁷⁶ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

apresenta a afirmação da Davis, Collins enfatiza os vínculos ancestrais com as sociedades da África Ocidental: é dessa nascente que escoo o berço da civilização afro-americana, é de lá que vem nossos saberes e tecnologias. Nesse contexto de criação, gêneros musicais construídos na experiência afro-diaspórica, como por exemplo o *Blues*, tornam-se um ato de resistência, frente ao grupo dominante, auxiliando no processo político e na luta contra a opressão. A autora pontua que a música afro-americana como forma de arte proporcionou uma segunda esfera na qual as mulheres negras puderam encontrar sua voz, e a primeira esfera sendo os espaços seguros. Desse modo, “a arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento”, sugere Angela Davis⁷⁷.

A importância da musicalidade como experiência política e cultural das populações afro-estadunidenses tem chamado a atenção de vários intelectuais negros: W. E. Dubois, já no início do século XX, destacava, em *As Almas da Gente Negra*, da música nas resiliências das populações escravizadas, compreendendo que certos gêneros musicais, como por exemplo as *sorrow songs*, eram “o resultado da seleção de séculos; a música é muito mais antiga que as palavras e nela podemos rastrear, aqui e ali, sinais do seu desenvolvimento”⁷⁸. O *Blues* torna-se um marco na cultura oral afro-americana. Derivado das experiências e resistências de afro-estadunidenses no sul dos Estados Unidos no pós-abolição, o *Blues* constituiu-se a partir da incorporação de diversos outros ritmos e gêneros musicais importantes na cultura afro-estadunidense, a exemplo das canções evangélicas e as *work songs*, associadas ao cotidiano do trabalho negro. Conforme Patricia Hill Collins⁷⁹, a atmosfera que esse gênero musical alcançava ia para além do entretenimento, se entrelaçando ao processo de vida cotidiana das classes trabalhadoras estadunidenses, como uma forma de traduzir e por em palavras as questões estruturais vigentes naquele contexto social. Esse processo de ocupação com o *Blues*, o espaço musical, para as estadunidenses negras é uma possibilidade de expressão dessa autodefinição que a Collins trabalha nessa obra. É o espaço que perpassa pela intelectualidade e vai a música de forma que fortalece essas mulheres e auxiliam em suas autodefinições, pensando principalmente em suas individualidades e de forma coletiva⁸⁰.

É pertinente quando Collins, explicita quem é o grupo de dominação, pois, no cenário musical e artístico contemporâneo, as produções se encontram no domínio dos grupos brancos. Eles produziam, auxiliavam e lucravam com a indústria musical, mas existe

⁷⁷ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 212.

⁷⁸ DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999, p. 301.

⁷⁹ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

⁸⁰ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

um grupo muito específico que é consumidor desses discos, que é a população negra estadunidense. Como a autora bem enfatiza, no “mercado racial”, as produções tornam-se, para muitas mulheres racializadas sem acesso à educação formal, sua forma de tornar “palpável” suas contribuições artísticas e culturais. Suas emoções, ressignificadas em música, agora se transformaram em histórias orais, que alcançavam pessoas que, presencialmente, não poderiam alcançar.

(...) Como um grande número de mulheres negras não tinha acesso à educação formal, esses discos foram os primeiros documentos permanentes a explorar um ponto de vista de mulheres negras da classe trabalhadora, ao qual elas tinham acesso apenas em locais específicos. As músicas podem ser vistas como poesia, como expressão de mulheres negras comuns rearticulada pelas tradições orais negras (Collins, 2019, p. 213).

Ao longo da trajetória de bell hooks, a intelectual também engajou-se em debates e reflexões acerca da música como parte da experiência cultural afro-estadunidense. Em diversos artigos publicados na década de 1990, bell hooks refletiu sobre as estéticas negras a partir da música, enfatizando que “cultural production and artistic expressiveness we also ways for displaced African people to maintain connections with the past. Artistic African cultural retentions survived long after other expressions had been lost or forgotten”.⁸¹

Mais recentemente, bell hooks envolveu-se em um debate crítico com Beyoncé Knowles - um dos ícones da música internacional, Beyoncé, nossa atual rainha internacional que entrega tanto em seus versos – especificamente no contexto de lançamento do álbum *Lemonade* (2016), mais uma produção que entregou muito. As críticas de bell hooks evidenciam, para além de seus posicionamentos sobre estéticas afro-estadunidenses, reflexões sobre o mercado musical e os impactos do capitalismo no consumo artístico. Essas críticas foram verbalizadas em um artigo publicado no jornal *The Guardian*, em maio de 2016, intitulado “Beyoncé's *Lemonade* is capitalist money-making at its best”. No texto, hooks defende que *Lemonade*, apesar de seu potencial crítico e estético vinculado à uma suposta valorização das identidades afro-estadunidenses, seria uma “mercadoria” (commodity) produzida num contexto capitalista e voltada a todo e qualquer consumidor. Desse modo, na narrativa visual de *Lemonade*, hooks identifica uma representação positiva de corpos de mulheres negras, caracterizando-as como rainhas ou ainda evocando as mães de filhos negros vitimados pela violência. Entretanto, o efeito ambíguo dessas representações audiovisuais (considerando-se os videoclipes de *Lemonade*) seria, por um lado, celebrar e humanizar o

⁸¹ Tradução: “A produção cultural e a expressividade artística também foram lugares para pessoas africanas em diáspora para manter as conexões com o seu passado. Retenções artísticas e culturais africanas sobreviveram muito mais tempo depois que outras expressões foram perdidas ou esquecidas”. bell hooks. *An Aesthetic of Blackness - Strange and Oppositional. Lenox Avenue: A Journal of Interarts Inquiry*, v. 1, 1995, p. 66.

corpo feminino e negro, mas por outro lado, reitera a vitimização de mulheres negras e caracteriza a violência e raiva feminina como única forma de emancipação.

O que hooks questionou e pontuou sobre o álbum *Lemonade*, e dizia respeito ao público-alvo de suas canções. Se seria para o empoderamento dos corpos negros, ou mais uma produção que atendia a demanda do capitalismo e trazendo músicas genéricas, para alcançar todos os públicos e sem afrocentrar seus versos. Assim, conforme Cecilia Smith:

Throughout her career, Beyoncé has been characterized as a modern feminist, using her voice and music to uplift young girls and women, appealing to a different generation that had not been exposed to the original feminist movement. Her work used music, poetry, and visuals to narrate a variety of themes, while attempting to vocalize the plight of Black women and their struggles (Smith, 2022, p. 216).⁸²

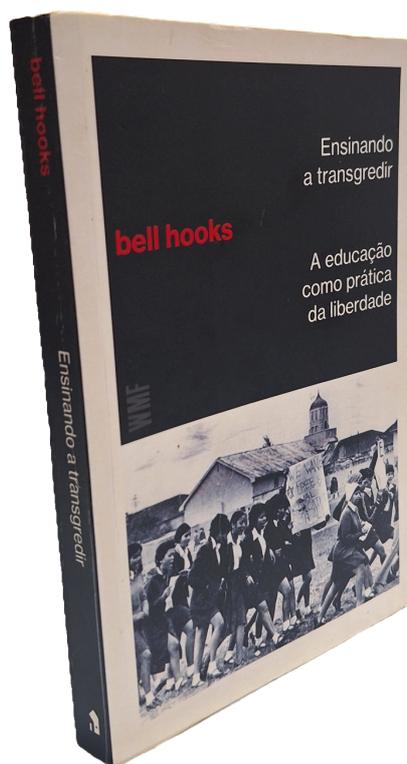
O comentário da hooks, no jornal *The Guardian*, é bem pontual no que tange a entender qual o posicionamento político social da artista. Ela comenta que “*viewers who like to suggest Lemonade was created solely or primarily for black female audiences are missing the point. Commodities, irrespective of their subject matter, are made, produced and marketed to entice any and all consumers. Beyoncé’s audience is the world, and that world of business and money-making has no color*”.⁸³

A crítica de hooks, a partir das lentes da interseccionalidade, evidencia preocupações sobre o modo como a narrativa de empoderamento feminino de Beyoncé poderia estar enraizado em um sistema de opressão patriarcal e capitalista. Desse modo, argumenta que Beyoncé, por um lado, apresentava canções que tratavam de empoderamento e autonomia, contudo, por outro lado, estava inserida dentro de estruturas de opressões que, supostamente, estaria desafiando. Desse modo, a crítica de bell hooks estava enraizada em reflexões interseccionais gestadas no âmago do feminismo negro, especialmente na crítica ao capitalismo e racismo.

⁸² Tradução Livre: “Ao longo da sua carreira, Beyoncé tem sido caracterizada como uma feminista moderna, usando a sua voz e música para elevar jovens raparigas e mulheres, apelando a uma geração diferente que não tinha sido exposta ao movimento feminista original. Seu trabalho usou música, poesia e recursos visuais para narrar uma variedade de temas, enquanto tentava vocalizar a situação das mulheres negras e suas lutas.”

⁸³ Tradução Livre: “Os espectadores que gostam de sugerir que *Lemonade* foi criada exclusiva ou principalmente para o público feminino negro estão perdendo o foco. As mercadorias, independentemente do seu objeto, são fabricadas, produzidas e comercializadas para atrair todo e qualquer consumidor. O público de Beyoncé é o mundo, e esse mundo de negócios e de ganhar dinheiro não tem cor.”

4 AS IDEIAS EDUCACIONAIS DE BELL HOOKS EM ENSINANDO A TRANSGREDIR: UM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE



Acervo pessoal

A obra de hooks que abordamos nesta pesquisa é de longe uma das melhores formas para perceber as práticas educacionais dentro do ensino de forma interseccional, pois a autora percorre as esferas que movem o mundo e determinam as suas estruturas. Além disso, sinaliza as possibilidades dentro do que tange a educação e os moldes que as pessoas a recebem. A escritora vai desenhar um caminho evidenciando questões estruturais e estruturantes postas na sociedade e que se encontram dentro dos pilares educacionais. Interpretando o *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* de bell hooks⁸⁴, leva-nos a regressar aos espaços educacionais que já estivemos anteriormente como estudantes. Situar-se nesse espaço e trazer à memória os dias corriqueiros naqueles ambientes, é fundamental para compreender a dinâmica percorrida dentro dessa obra. Afinal de contas, ao evocar “ideias, estratégias e reflexões críticas sobre a prática pedagógica”⁸⁵, hooks nos deixa livres para refletir e questionar sobre como eram as práticas educacionais

⁸⁴ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

⁸⁵ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 20.

presentes em nossa comunidade educacional, principalmente pensando nesse espaço de inserção na vida estudantil.

Lembro-me do meu processo estudantil, nos anos iniciais em uma escola da zona rural de Valença na Bahia. Fui estudar naquela escola a partir da minha 2ª série - atualmente é 3º ano, e por 3 anos estudei lá. Derivando observações das obras de bell hooks, penso sobre o processo educacional, e as práticas educacionais realizadas na instituição. É uma comunidade rural, que garantia um contato mais fácil entre família e escola, todavia, não se tinha essa pedagogia que é posta nessa obra, é perceptível que a educação pública e gratuita brasileira, infelizmente, se encontra muito distante de uma preocupação com métodos e abordagens que fomentem o pensamento crítico dos seus estudantes. Em um sistema escolar despreparado para lidar com a pluralidade, o fomento da vida acadêmica parte de outros lugares. Além disso, infelizmente ainda predomina em nosso país a educação bancária, que não tardará de ser abordada.

O ponto de partida em *Ensinando a transgredir* diz respeito à infância de bell hooks e seu processo educacional nas escolas no interior de Kentucky, em um momento marcado pela segregação e, também, no contexto de integração racial. Nas escolas segregadas, onde havia uma presença expressiva de professoras negras, afirma que: “Para cumprir essa missão, as professoras faziam de tudo para nos “conhecer”. Elas conheciam nossos pais, nossa condição econômica, sabiam a que igreja íamos, como era nossa casa e como nossa família nos tratava”⁸⁶. No sentido da vida cotidiana do estudante. As professoras que a hooks, teve acesso em seu processo educacional, faziam-se presentes na vida cotidiana dos estudantes. É necessário pontuar outra vez, que falamos de um contexto de segregação, as leis Jim Crow estavam a todo vapor. Dessa forma, a partir das leituras dos escritos de bell hooks, denota-se uma ênfase no papel educador das mulheres negras, um “compromisso político”⁸⁷ de estímulo na formação intelectual e cultural das crianças negras, a necessidade de fortalecer e fomentar para que se tivesse grandes potências ao longo de suas vidas. As práticas educacionais ali projetadas pelas professoras negras, que hooks caracteriza como uma “pedagogia profundamente anticolonial”⁸⁸, nos leva a compreender como bell hooks, leva essas metodologias para sua sala de aula anos depois.

⁸⁶ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 11.

⁸⁷ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 12.

⁸⁸ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 10.

Ao pensar numa “pedagogia profundamente anticolonial”, hooks estabelece diálogos políticos e intelectuais com referências importantes do pensamento anticolonial, a exemplo de Frantz Fanon e Albert Memmi, ao mesmo tempo em que aponta ao modo como esses “pensadores críticos progressistas do Terceiro Mundo” construíam um “paradigma falocêntrico da libertação - onde a liberdade e a experiência da masculinidade patriarcal estão ligadas como se fossem a mesma coisa”⁸⁹. Deriva, dessa perspectiva interseccional do mundo intelectual, a importância atribuída à bell hooks ao trabalho de mulheres negras no campo da pedagogia e da intelectualidade - sejam as professoras negras politicamente comprometidas com a formação intelectual e libertadora de suas crianças, sejam as escritoras e intelectuais negras recuperadas por hooks em seu trabalho, a exemplo de Ida B. Wells, Anna Julia Cooper, Alice Kershaw e Angela Davis.

Pensando nessa conjuntura de ensino afrocentrado, é indispensável perceber como essas práticas soam nesse ambiente escolar. Assim, a autora nos traz um prisma interessante sobre esse método a partir da vida cotidiana e das interações sociais ali vivenciadas: “(...)Embora não definissem nem formassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial”⁹⁰. Perceber esse atravessamento racial e trabalhar em cima desse fomento do intelecto negro, faz com que futuras gerações atravessadas por essa prática, sintam a necessidade de fomentar essas possibilidades a serem aplicadas em aula.

(...) A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender. Apesar disso, essa política já não era contra-hegemônica. O tempo todo, estávamos somente respondendo e reagindo aos brancos(hooks, 2013, p. 12).

Contudo, hooks também enfatiza sua frustração quando se vê obrigada a frequentar uma nova escola - escola dos brancos, no contexto de integração racial. Nas escolas dessegregadas, hooks afirma ter encontrado um lugar “onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar aqui”, repleto de “professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas” e cuja educação era voltada para “reforçar a dominação”⁹¹ - ou, ainda, para naturalizar a ideia de que “os fortes e poderosos

⁸⁹ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 71.

⁹⁰ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 10-11.

⁹¹ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 13.

tem o direito de governar os fracos e impotentes”⁹². Esse contexto pôs hooks em contato com a educação bancária, que ela define como um sistema “baseado no pressuposto de que a memorização de informações e suas posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura”⁹³. A realidade de uma educação bancária lhe fez uma profissional que fazia uma outra leitura dos processos educacionais. hooks constata que esse modelo de educação não a levaria ao que ela almejava, ser um pensadora crítica, sobretudo, por vir de uma esfera de grupos sempre subalternizados e marginalizados, desse modo, sentia-se sem uma perspectiva de uma jornada intelectual, ora, os que detinham esse planejamento futuro em sua maioria eram os colegas homens e brancos.

Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista, cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos(hooks, 2013, p.20).

Contrapondo-se à educação bancária, bell hooks propõe, a partir dos seus escritos e de sua trajetória enquanto professora, a possibilidade de transformar suas aulas em “comunidades pedagógicas” ou “comunidades de aprendizado”, por meio de uma “pedagogia transformadora” na qual a sala de aula se transforma em um “contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir”⁹⁴. Além disso, a construção de uma “comunidade de aprendizado” não apenas uma consciência dos processos históricos de construção das relações e hierarquizações de raça, classe social e gênero, e da importância da educação na superação das desigualdades, como também a adoção de uma perspectiva voltada à “descentralização global do Ocidente e a adoção do multiculturalismo”, que obriga os educadores a “reconhecer o valor de cada voz individual” e “centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê?”⁹⁵. A ênfase na ideia do “sentimento de comunidade” no processo educacional está relacionada não apenas à “questão da segurança”,

⁹² HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 43.

⁹³ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, p. 14.

⁹⁴ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 56.

⁹⁵ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 57.

mas também à “sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender”⁹⁶.

Quando percebemos o que hooks pontua sobre as questões pedagógicas e principalmente sobre a “pedagogia libertadora/libertária”, é indispensável trazer para a nossa reflexão que ela também me munia com as ideias do Paulo Freire, um dos principais intelectuais no campo do pensamento educacional, em especial por suas contribuições à pedagogia crítica e aos métodos de alfabetização de jovens e adultos. Contudo, se faz necessário explicitar que hooks, apesar de dialogar com as propostas freireanas de “educação como prática da liberdade”, também tecia críticas sobre as linguagens sexistas do Freire, corriqueiro em intelectuais da época. Ela demonstra seu descontentamento, por parecer um ponto não percebido e não destacado por intelectuais progressistas, como assinala em um capítulo específico, que ela intitulou “Paulo Freire” onde nesse trecho do livro, ela tem um diálogo com a Gloria Watkins - seu nome de batismo - para discorrer sobre suas perspectivas acerca da obra de Freire.

Podemos ler esse capítulo como uma forma de ser didática na forma de explicar sua leitura das obras e do Paulo Freire, principalmente pelo que já pontuamos anteriormente, quando assinalamos sobre a escolha do seu pseudônimo. Neste capítulo, percebe-se uma reflexão da dinâmica e do alcance para além de acadêmicos. Durante o diálogo, ela destaca sobre o papel masculino intelectual nas propagações da linguagem sexista:

Enquanto lia Freire, em nenhum momento deixei de estar consciente não só do sexismo da linguagem como também do modo como que ele (e outros líderes políticos, intelectuais e pensadores críticos progressistas do Terceiro Mundo, como Fanon, Memmi etc.) constrói um paradigma falocêntrico da libertação - onde a liberdade e a experiência da masculinidade patriarcal estão ligadas como se fossem a mesma coisa(hooks, 2013, p. 69-70).

O pensamento feminista em que hooks se baseava era propício e fértil para as suas críticas as obras do Freire. No entanto, além das críticas, hooks reconhece a contribuição das ideias de Paulo Freire ao municiá-la com uma linguagem libertária capaz de conceber o caráter transformador da educação. Além disso, o encontro intelectual com Freire possibilitou à hooks aprofundar suas críticas à educação bancária:

O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e a sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura) não me interessa. Eu queria me tornar uma pensadora crítica(hooks, 2013, p. 14).

⁹⁶ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 58.

Dentro do modo educacional, a educação bancária, na qual os estudantes apenas absorvem tudo que é despejado em aula para aplicar em uma possível prova, é caracterizado por hooks como um método em que o objetivo não é ensinar, mas aferir se as aulas foram memorizadas.

Segundo Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido*⁹⁷, ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. A prática da liberdade educacional se coloca no mesmo modelo segundo o autor, e para alcançar o ápice da Educação libertária, é preciso o diálogo entre professores e estudantes ao longo do processo de ensino-aprendizado. Porém Freire, vai no ponto central que impossibilita esse momento de transcender no ensino, isto é, a educação bancária.

(...)a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem(Freire, 1987).

Segundo Freire, trata-se de um projeto educacional que tem como base o conhecimento unilateral, no qual os estudantes são apenas tábuas rasas e os professores detentores do conhecimento que “despejam” o conhecimento sobre os estudantes. E para Freire, já é nesse ponto que esse projeto de educação se contradiz. Essa concepção da educação faz parte e é um modelo da opressão, já que essa ideia muitas das vezes traz uma definição de professor como o opressor, um indivíduo ativo detentor de todo conhecimento e verdade, e o aluno, estando na condição de oprimido, se encontra como passivo, pois apenas recebe informações, sendo, ainda, incapaz de produzir conhecimento.

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização(Freire, 1987).

O processo que Freire relata em seu discurso é sobre a desumanização causada pelo opressor a seus oprimidos. Freire não via a educação como uma base funcional, mas fundamentada no mercado, ou a escola como prestadora de serviços, e os alunos apenas como consumidores.

⁹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca(Freire, 1987).

Seria então uma transformação social, sendo que a ideia não é acabar com o opressor e se tornar um, mas abrir um diálogo, uma conscientização, para que esse opressor e o oprimido não ocupem esses “cargos”. Para Freire, ensinar a pensar e problematizar sobre a realidade é a forma mais correta de produzir saberes, assim o oprimido/aluno tem a possibilidade de se enxergar como um ser social.

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos(Freire, 1996, p. 15).

Desse modo, pode-se perceber que nas suas ideias educacionais, bell hooks instrumentalizou elementos do pensamento crítico de Paulo Freire, pautando-se principalmente na proposta de diálogo e libertação de sujeitos marginalizados ou oprimidos. Assim, bell hooks também critica o sistema educacional, e defende um modelo de pedagogia crítica que fosse capaz de desafiar as estruturas de poder, e assim promover a transformação social. Da tradição feminista negra, hooks articula essas ideias a uma perspectiva interseccional, reconhecendo a importância de se considerar as múltiplas formas de opressão também no campo educacional. Em seu texto “A teoria como prática libertadora”⁹⁸, bell hooks começa citando o Terry Eagleton, quando ele fala que chegou à teoria jovem, ainda criança, ele diz: “As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais” e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais”⁹⁹. É indispensável notificar a forma crescente como a hooks, nos faz ter acesso às suas ideias, começar abordando sobre suas práticas ainda criança, torna o desenvolvimento da reflexão mais didática e assertiva na compreensão.

⁹⁸ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 83.

⁹⁹ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 83.

A construção de ler as formas de práticas libertadoras, segundo bell hooks, começou dentro de casa, quando ela pode questionar, sobre o porquê, seu pai poderia a castigar, se ele quase não fala com ela. É preciso entender que essa prática da liberdade se dá, quando esse ciclo bancário é quebrado, e nesses escritos é perceptível que quem é “menor”, não questiona, apenas absorve o que é colocado, e é ali, que começa o conflito nela, ainda em sua infância: “(...) tendo que lidar com essa criança incansável que, com um brilho no olhar, questionava, ousava desafiar a autoridade masculina, se revelava contra a própria norma patriarcal que eles tanto tentavam institucionalizar”¹⁰⁰.

A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim. Quando era criança, é certo que eu não chamava de “teorização” os processos de pensamento crítica em que me envolvia. (...) uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo, assim como podemos viver e atuar na resistência feminista sem jamais usar a palavra “feminismo”(hooks, 2013, p. 86).

hooks refere-se a universidade como um espaço de silenciamento, sua estrutura tentava impossibilitar esse fomento ao senso crítico, buscaram dificultar a presença dela para evitar o debate direto com um grande teórico da educação, que nesse caso era o Paulo Freire. Ela narra:

(...) Eu não tinha ouvido sequer um rumor de que ele estava vindo, embora muita gente soubesse o quanto o trabalho dele significava para mim. Então, acabei descobrindo que ele vinha, mas me disseram que todas as vagas já estavam preenchidas. Protestei. No diálogo que se seguiu, me disseram que eu não havia sido convidada para os encontros por medo de que, levantando críticas feministas, eu atrapalhasse a discussão de questões mais importantes. (...) meu peito já estava pesado com essa tentativa sexista de controlar minha voz, de controlar o encontro(2013, p. 78).

Ela é certa quando afirma que por pouco não esteve no seminário com Freire na instituição que ela frequentava. E se torna um ponto para reflexão sobre quais tipos de silenciamentos sutis ou não presenciamos na academia. hooks pontua que quase foi impedida de participar desse encontro por levantar as críticas feministas. É indispensável reparar na admiração que hooks tem pelas contribuições de Freire e por ele mesmo. A hooks que teve contato pessoalmente com Freire na instituição que ministrava aulas e estudava, e nesse seminário, pode questioná-lo sobre suas obras terem esse cunho mais sexista. Dentro disso, se intensifica a mentoria desse mestre que Paulo Freire foi para a bell hooks, a acessibilidade do pensador Freire, em refletir sobre seus escritos. É importante salientar que Paulo Freire já era conhecido por suas obras, acredito que por isso ele tornou-se um guru para ela, por ser alguém de possível diálogo e com um retorno positivo em suas produções futuras.

¹⁰⁰ HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 84.

Levei pouco tempo para perceber que a classe social não era mera questão de dinheiro, que ela moldava os valores, as atitudes, as relações sociais e os preconceitos que definiam o modo como o conhecimento seria distribuído e recebido.

(...)

Na minha época de faculdade, pressupunha-se tacitamente que todos concordávamos em não falar sobre classe social, em não criticar os preconceitos de classe burgueses que moldavam e informavam as práticas pedagógicas (bem como a etiqueta social) na sala de aula(2013, p. 236).

Conforme as reflexões de bell hooks, e de outras teóricas do feminismo negro mencionadas anteriores, as desigualdades de classe, raça e gênero são interconectadas e socialmente reproduzidas, levando a processos de violência, marginalização e invisibilização. Desse modo, essa lógica classista/racista/patriarcal produz um fenômeno de rejeição social, ancorado em representações não-positivas de sujeitos racializados. Essas violências e hierarquizações também se reproduzem em contextos educacionais, e sobretudo em suas limitações no modo de lidar com a pluralidade. Assim, sujeitos negros e periféricos continuam como vozes marginalizadas, alheias ao próprio processo de ensino-aprendizagem. Conforme bell hooks:

Às vezes, os alunos que querem que os professores enfrentem as diferenças de classe simplesmente desejam que os indivíduos de origem material desprivilegiada passem a ocupar o centro do palco, de modo que ocorra não uma perturbação, mas uma inversão das estruturas hierárquicas. Certo semestre, várias estudantes negras originárias da classe trabalhadora frequentaram um curso que dei sobre escritoras afro-americanas. Chegaram com a esperança de que eu usasse meu poder de professora para descentralizar de modo não construtivo as vozes dos alunos brancos privilegiados, de forma que sentissem na pele o que é ser um corpo estranho(2013, p. 249-250).

É comum que quando estamos em sala de aula numa turma de graduação, parece ser enfadonho quando um colega de curso levanta uma pauta que faz um outro caminho dentro de um debate ou talvez tangencia totalmente a discussão levantada para um ponto que não faz diálogo com que está sendo abordado. Logo queremos que o professor intervenha, redirecione para o ponto que estava sendo discutido e de forma mesmo que inconsciente, estamos programados para não errar, e desejamos que o outro pare de se expressar imediatamente. “Nossa, fulano se passou demais! Fugiu totalmente do que estávamos conversando em sala de aula” é dentro desses diálogos que aumentamos entre colegas de curso, que reforçam a segregação dentro das esferas de intersecção que hooks tanto aponta em sala.

Quando a obsessão pela preservação da ordem é associada ao medo de “passar vergonha”, de não ser bem-visto pelo professor e pelos colegas, é minada toda possibilidade de diálogo construtivo. Embora os alunos entrem na sala de aula “democrática” acreditando que têm direito à livre “expressão”, a maioria deles não são populares. Esse processo de censura é apenas uma das maneiras pelas quais os

valores burgueses super determinam o comportamento social na sala de aula e minam o intercâmbio democrático de ideias (hooks, 2013, p. 237).

Talvez, não seja diretamente atingido quem “falou demais”, mas torna para muitos ainda mais forte a dificuldade para iniciar a expor suas ideias, por medo do erro. E por mais que diariamente estejamos criticando sobre questões estruturais de relação professor e aluno, reproduzimos isso sem pensar duas vezes. A “educação como prática da liberdade” nesse trabalho traça um caminho onde é uma proposta bilateral, hooks se propõe a deixar um capítulo para esmiuçar esse entusiasmo no mundo de possibilidades em sala de aula, “Êxtase: Ensinar e aprender sem limites”¹⁰¹ é como o capítulo se dispõe chamando a atenção. É durante a aula, que se torna o espaço propício que docentes e discentes aprendem, é satisfatório como a autora aborda o aprender também ensinando.

Quando penso na minha vida de estudante, lembro-me vivamente dos rostos, gestos e hábitos de todos os professores e professoras que me orientaram, que me ofereceram a oportunidade de sentir alegria no aprendizado, que fizeram da sala de aula um espaço de pensamento crítico, que transformaram o intercâmbio de informações numa espécie de êxtase (hooks, 2013, p. 266).

hooks evidencia para nós, a respeito da “construção de uma comunidade pedagógica”, a importância e urgência de se romper fronteiras nesses espaços acadêmicos, principalmente por muita das vezes, as questões que impedem esse rompimento são questões de classe, raça e gênero. A prática do diálogo para ela é o método mais fácil e crucial nessa ambientação dentro das instituições de ensino. O papel dos pensadores críticos que se colocam a repensar e mudar suas práticas de ensino. Os diálogos que ela estabelecia eram entre opostos.

(...) O primeiro diálogo tinha o objetivo de servir de modelo para os intercâmbios críticos entre homens e mulheres e entre acadêmicos negros. O segundo queria mostrar que a solidariedade pode existir, e existe de fato, entre pensadoras feministas progressistas brancas e negras (hooks, 2013, p. 174).

É importante evidenciarmos que hooks sempre é direta em suas reflexões e afirmações, ela se projeta como mediadora, frente a necessidade para gerenciar da melhor forma a sala de aula. O espaço educacional para debates, segundo o que hooks apresenta, se torna essencial para entender as discrepâncias e os limbos entre os pontos de vistas distintos. Esse papel de mediação, faz com que possa ocorrer diálogos mesmo com ideias divergentes, tornando o espaço mais plural em ideias, e fazendo com que o movimento de opressão e opressor seja uma questão rompida.

¹⁰¹ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 265.

Vale destacar que ela sempre traz uma contrapartida quando deixa em evidência as dificuldades para a permanência na carreira acadêmica. Nota-se que sempre pontua a sala de aula como um espaço de possibilidades. Não apenas para alunos, mas como já disse anteriormente, uma possibilidade de aprendizado bilateral. hooks, ao longo de *Ensinando a transgredir*, ressalta a importância e necessidade do espaço educacional ser um ambiente de êxtase, para todos. Que seja um espaço de reconhecimento da amplitude cultural do mundo. “(...) a educação é um lugar onde a necessidade de diversos métodos e estilos de ensino é valorizada, estimulada e vista como essencial para o aprendizado”¹⁰². hooks compreende que a pedagogia engajada é a chave para uma sala engajada, onde professor e estudantes consigam gerar entusiasmo no ensinar e aprender.

Ela caracteriza esse movimento do professor engajado em sala de aula, como um agente efetivo e responsável pela direção de vida do aluno. Então o engajamento, a êxtase, a emancipação, o entusiasmo e etc., é o que ela estabelece e identifica como características de professores “populares” sendo fruto do engajamento deles em sala de aula. Dessa forma, nutre o intelecto, o senso crítico e a autenticidade do estudante, torna-se peça chave na manutenção da multiculturalidade em sala de aula. Espaço que se fortalece e torna possível que as estruturas sociais não os limitem, tornando um ambiente propício para a educação como um ato. Ato de resistência!

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo e que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade(2013, p. 273).

¹⁰² HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013, p. 268.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os aspectos anteriormente ponderados, é imprescindível não pontuar a escolha da seu pseudônimo, a forma gramatical para compor, a simplicidade e o grau menor do seu nome é um dos elementos que tornou ela essa grande potência que ela ainda é, por mais que esse trabalho tenha começado pelo seu obituário, suas ideias e reflexões ecoam em todos que já foram atravessados por seus escritos.

hooks conferred a short laugh at his description, smiled broadly at the acknowledgement of the pseudonym, and perhaps reluctantly recognized the enormity of her prominence. An *Essence* magazine article added that the stylization was to emphasize the substance of books, rather than who she was. The lower-case lettering was effective, but not as a deflection away from her. In fact, the lettering would draw in readers to her. The lower-case lettering would be a temporary disguise from Gloria Jean Watkins, but her voice, her words, and her ideas would identify and distinguish the woman to whom the world would come to know as the feminist, bell hooks (Smith, 2022, p. 209)¹⁰³.

Quando pensamos no cenário que bell hooks nasceu, é preciso lembrar o impacto das leis segregacionistas que estavam sendo aprovadas e aplicadas no estado. Sabrina Moehlecke¹⁰⁴, afirma:

(...)a Suprema Corte decide que leis estaduais requerendo a separação de grupos raciais são permitidas pela Constituição desde que acomodações iguais sejam destinadas a cada um, instituindo o princípio do "separados-mas-iguais". Essa decisão permitiu a criação de estabelecimentos públicos distintos para brancos e negros, e a separação dos locais reservados para cada grupo racial em transportes e áreas públicas(p. 2).

Vale salientar que por mais que houvesse as leis de segregação nos Estados Unidos, as escolas segregadas se tornavam espaços de construção de experiências emancipatórias de educação, especialmente graças ao trabalho de professoras negras conforme lembrou bell hooks em seu texto *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*, que compreendiam que o trabalho docente deveria convergir na construção de “an oppositional world view—different from that of our exploiters and oppressors, a world view that would enable us to see ourselves not through the lens of racism or racist stereotypes but one that would enable us to focus clearly and succinctly, to look at ourselves, at the world

¹⁰³ Tradução livre: hooks deu uma breve risada com sua descrição, sorriu amplamente ao reconhecer o pseudônimo e talvez tenha reconhecido com relutância a enormidade de sua proeminência. Um artigo da revista *Essence* acrescentou que a estilização era para enfatizar a substância dos livros, e não quem ela era. As letras minúsculas foram eficazes, mas não como um desvio dela. Na verdade, as letras atrairiam leitores para ela. As letras minúsculas seriam um disfarce temporário de Gloria Jean Watkins, mas sua voz, suas palavras e suas ideias identificariam e distinguiriam a mulher que o mundo viria a conhecer como feminista, bell hooks.

¹⁰⁴ MOEHLECKE, Sabrina. Democratização e integração racial: a experiência de ações afirmativas nos Estados Unidos. Anais Eletrônicos da ANPED, 2004

around us, critically—analytically”¹⁰⁵. Desse modo, hooks¹⁰⁶ nos conta sobre o trajeto de sair de uma escola que compreendia a educação como um ato revolucionário, para uma escola de brancos, com uma educação bancária, onde o senso crítico dos estudantes, sobretudo negros, não era incentivado. É perceptível que o fomento da vida intelectual, e das potencialidades estabelecidas por bell hooks ao longo de sua vida, foi sem dúvidas fundamentada a partir dos laços de solidariedade e resistência constituídas ao longo de sua trajetória, inclusive na sua trajetória escolar, pelo convívio com professoras negras em escolas segregadas. Desse modo, para além de espaços de marginalização e injustiça, hooks também reconhecia que as escolas segregadas poderiam servir como espaços de resistência para a população afro-estadunidense, lugares onde seria possível cultivar um senso de identidade cultural capaz de romper com estereótipos raciais e culturais.

hooks em um dos seus trabalhos justificou a sua escolha em trabalhar com a intelectualidade: “(...) o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes”.

Tomando esse fomento como combustível, hooks se propôs a aflorar em si a intelectualidade negra. Tomando conhecimento da urgência de multiplicar saberes, hooks se dispõe a tomar evidente o protagonismo negro, debates críticos e auxiliar estudantes a transgredir as barreiras educacionais e ter a liberdade no saber. Convém salientar a importância dos corpos dissidentes na academia e os estudos e debates travados por hooks em suas turmas¹⁰⁷.

Loren Berbert¹⁰⁸, quando comenta sobre as críticas de hooks no que tange a pedagogia crítica e no fomento ao estímulo do senso crítico, ressalta as esferas que a autora se propõe a estabelecer como centrais para serem trabalhadas: “(...) Parte da radicalidade de que seu argumento encontra-se na concepção da educação como um processo que envolve, a integralidade dos seres, e a centralidade da “sabedoria prática” ”.

Importante destacar que, ao longo dos seus escritos, hooks mobiliza a força política da autodefinição ao narrar as suas vivências nos ambientes educacionais. Os

¹⁰⁵ HOOKS, bell. *Talking back: thinking Feminist, Thinking Black*. Nova York: Routledge, 2015, p. 49.

Tradução livre: “uma visão de mundo oposta - diferente daquela dos nosso opressores e exploradores, uma visão de mundo que nos permitisse ver nos não pelas lentes do racismo ou dos estereótipos racistas, mas uma que nos permitisse focar mais claramente e sucintamente, nos enxergar, no mundo ao nosso redor, criticamente - analiticamente”.

¹⁰⁶ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

¹⁰⁷ VITURI BERBERT, LOREN MARIE. *Educação como abertura radical*. 2022.

¹⁰⁸ BERBERT, Loren Marie Vituri. *Educação como abertura radical: bell hooks e a pedagogia crítica*. 2022.

diálogos que hooks estabelece em sua obra para evidenciar a educação como prática da liberdade e a educação revolucionária praticada por suas professoras no processo de segregação se torna central na percepção de hooks no que tange a prática de ensinar pessoas negras, sobretudo nas interseccionalidade que permeiam o ambiente do ensino.

Assim, epilógamos a educação como prática da liberdade é o que norteia e fomenta hooks em seus escritos. Nesse sentido, hooks dialoga em seus trabalhos com Paulo Freire, criticando a educação bancária, a educação unilateral, a falta de fomento ao senso crítico, as pautas sociais, raciais e de gêneros. Se Preocupa em trazer elementos para que possa ser aplicados em aula, a sala de aula como um espaço seguro para a vulnerabilidade do aprender, onde conhecimentos são bilaterais, e onde professores estão dispostos a dinamizar suas aulas para que sua sala seja um lugar de transgressão e liberdade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição. **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, 2015, p.184.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2023. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida: infância**. volume 2/ Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Millet. - 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 11-74.

bell hooks, author who brought Black women’s perspectives to feminism, dies at 69. Los Angeles Times, 2021. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/books/story/2021-12-15/bell-hooks-dead-omit>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

bell hooks, escritora e ativista, morre aos 69 anos. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/12/15/bell-hooks-escritora-e-ativista-morre-aos-69-anos.ghtml>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

Black Feminist bell hooks Dies at 69 - Scholar wrote about intersection of feminism, politics, race, gender and culture. The Wall Street Journal, 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/black-feminist-bell-hooks-dies-at-69-11639599937>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

bell hooks, famed feminist writer, dies at age 69. CNN, 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/12/15/us/bell-hooks-death-obituary-cec/index.html>. Acesso em 27 de Agosto de 2023.

bell hooks, Pathbreaking Black Feminist, Dies at 69 - She insisted that the fight for women’s rights had to take into account the diverse experiences of working-class and Black women. The New York Times, 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/15/books/bell-hooks-dead.html>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

bell hooks obituary - Trailblazing writer, activist and cultural theorist who made a pivotal contribution to Black feminist thought. The Guardian, 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/dec/17/bell-hooks-obituary>. Acesso em 27 de Agosto de 2023.

BERBERT, Loren Marie Vituri. Educação como abertura radical: bell hooks e a pedagogia crítica. **Em Tese**, Santa Catarina, v. 19, n. 01, p. 241-249, jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e86007>. Acesso em: 01 abr. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: O poder da autodefinição**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. (2013). *Mulher, raça e classe*, trad. Plataforma Gueto. Disponível em: <https://plataformagueto.files.wordpress.com/2013/06/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

Escritora Bell Hooks morre aos 69 anos nos Estados Unidos. CNN Brasil, 2021.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/escritora-bell-hooks-morre-aos-69-anos-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

Escritora bell hooks morre aos 69 anos. Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/escritora-bell-hooks-morre-aos-69-anos/>>

Acessado em: 27 de Agosto de 2023.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, Paulo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FOSL, Caterine; K'MEYER, Tracy. *Freedom on the Border: An Oral History of the Civil Rights Movement in Kentucky*. Lexington: University of Kentucky Press, 2009, p. 153.

HAYASHI, Maria Cristina. Obituários acadêmicos: análise de homenagens póstumas da ciência em periódicos científicos. **Revista Ciência da Informação**, v.50 n.2, 2021, p. 71.

HERMES, Ernani Silverio ; SILVA, D. A. . Identidade, lugar e pertencimento na escrita de bell hooks. **ÁGORA (URI. CERRO GRANDE)** , v. 26, p. 179-188, 2018.

HOOKS, bell. *Aint I a woman? Black Women and Feminism*. Londres: Pluto Press, 1990, p. 2.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Intelectuais Negras*. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, p.464-478.

HOOKS, bell. *Talking back: thinking Feminist, Thinking Black*. Nova York: Routledge, 2015.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MAP OF JIM CROW AMERICA. Florida Atlantic University. Disponível em:

<<https://www.fau.edu/artsandletters/pjhr/chhre/pdf/sjc-map-jim-crow-america.pdf>> Acesso em 15 de set. de 2023.

MOEHLECKE, Sabrina. Democratização e integração racial: a experiência de ações afirmativas nos Estados Unidos. Anais Eletrônicos da ANPED, 2004. Disponível em <<https://www.anped.org.br/sites/default/files/t0314.pdf>> Acesso em: 04 nov. 2023.

Morre bell hooks, escritora e um dos maiores nomes do feminismo negro, aos 69 anos, O globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-bell-hooks-escritora-um-dos-maiores-nomes-do-feminismo-negro-aos-69-anos-25320331>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**/ Djamila Ribeiro. - Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

SANTANA, Fabíola. **A retórica fúnebre**: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. Tese (Doutorado em Linguística), UFPE, Recife, 2011, p. 195.

SILVA, Wilton Carlos Lima. Após a visita da indesejada das gentes: luto e memória na Revista Estudos Feministas. **cadernos pagu**, v. 55, 2019, p. 6.

SMITH, Cecelia (2022) “bell hooks (1952–2021),” *History in the Making*: Vol. 15, Article 11. Disponível em: <<https://scholarworks.lib.csusb.edu/history-in-the-making/vol15/iss1/11>>

VITURI BERBERT, LOREN MARIE. Educação como abertura radical. EM TESE (FLORIANÓPOLIS), v. 19, p. 241-249, 2022.

WASSERMAN, C. HISTÓRIA INTELLECTUAL: ORIGEM E ABORDAGENS. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2015, p. 63–79. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/12762>. Acesso em: 22 mar. 2024.